

UAc *as minhas memórias*

UNIVERSIDADE DOS AÇORES

1976 — 2026



UAc
UNIVERSIDADE
DOS AÇORES

UAc – As Minhas Memórias

Ficha técnica

Título: UAc - As Minhas Memórias

Coordenação: Helena Sousa Melo - Biblioteca, Arquivo e Museu da Universidade dos Açores

Autores: vários

Revisão de textos: Maria do Céu Fraga Amaral,
Maria Leonor Sampaio Silva e Maria Madalena Teixeira Silva
(FCSH)

Capa: Beatriz Amaral Brilhante

Paginação: Francisco José Cabral Macedo

Suporte: Eletrónico

Edição: Universidade dos Açores

ISBN: 978-989-8870-53-7

1.ª Edição – abril de 2026

Índice

- 7 **Introdução**
- 9 **Homenagem à Biblioteca Testemunho**
Maria Fernanda Diniz Teixeira Enes
- 13 **Tempo memória de um percurso profissional e institucional**
Fernando Ribeiro
- 17 **Universidade dos Açores – o (s) meu (s) tempo (s)**
Carlos Manuel Gomes Lobão
- 21 **A UAc que Conjugou Dois Mundos**
Rosa Maria Neves Simas
- 25 **Entre a Ilha e o Ofício – Memória de um Aluno Transformado em Professor**
Paulo Renato Ermitão Gregório
- 27 **Na bruma do tempo...**
José Manuel Teixeira
- 29 **Ponta Delgada, 1983-1987: a emoção do “regresso”**
Jorge Lopes
- 31 **Testemunho de uma antiga aluna**
Maria Teresa M. A. Moutinho
- 33 **Universidade dos Açores - Um testemunho**
Luís Manuel Vieira de Andrade
- 35 **As minhas memórias**
Maria do Carmo Martins

- 39 Universidade dos Açores A minha 2.^a casa**
Laudalina Esteireiro
- 41 Uma vida na UAc...**
Cármen de Fátima Carvalho Silva Viveiros
- 43 Um percurso de trinta e oito anos**
Maria das Mercês Varão Freitas
- 45 Bem, a UAc...**
Joaquim Leça
- 49 Faz de conta que não foi há mais de 30 anos**
Cláudia de Jesus Medeiros Santos
- 53 50 anos da UAc**
Pedro Daniel Melo Leite
- 57 “O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem.” - Fernando Pessoa**
Cidália Garcia
- 61 Memento**
Fátima Viveiros (*Mifá*)
- 63 Quem Sou?**
José Noronha Rodrigues
- 65 A Biblioteca da nossa Universidade**
Délia Maria Silva Melo Leite
- 67 Foram anos difíceis**
Luiz Nilton Corrêa

- 71 UAc - Minhas Memórias**
Márcio Silva
- 73 UAc - as minhas memórias**
Antonio Machado
- 77 UAc - Minhas Memórias**
Marina Melo
- 79 De Miúdo a Graúdo: a História do Xico Miúdo**
Francisco Pimentel
- 81 Anos de Universidade, anos de liberdade**
Júlio Tavares Oliveira
- 85 UAc - Minhas Memórias**
Indira (pseudónimo)
- 87 Universidade: a felicidade que vem da responsabilidade na liberdade**
Leena Esteves Pereira
- 91 Memórias do Ainda-Não**
Diana Travado Amaral
- 95 Álbum de Memórias**

Introdução

Após 50 anos de existência, a Universidade dos Açores reúne em si uma memória de todos os que por ela passaram.

Desde a sua criação em 9 de janeiro de 1976 como Instituto Universitário dos Açores e, posteriormente, em 25 de julho de 1980, como Universidade dos Açores, muitos bons e menos bons momentos foram vividos. As memórias aqui relatadas são dos momentos marcantes, e saudosos, de alguns estudantes, docentes, funcionários e colaboradores desta Universidade.

Passo a passo, ação sobre ação, a Universidade dos Açores foi-se desenvolvendo e tornando-se no que hoje conhecemos. Pela liderança dos seus reitores: José Enes Pereira Cardoso (1924-2013), natural da ilha de Pico, entre 1976 e 1982; António Manuel Bettencourt Machado Pires (1942-2022), natural da ilha Terceira, entre 1982 e 1995; Vasco Verdasca da Silva Garcia (1939-), natural de Carcavelos, entre 1995 e 2003; Avelino de Freitas de Meneses (1958-), natural da ilha Terceira, 2003 e 2011; Jorge Manuel Rosa de Medeiros (1954-), natural da ilha de São Miguel, entre 2011 a 2014; João Luís Roque Baptista Gaspar (1961-), natural de Lisboa, entre 2014 e 2022; e Susana da Conceição Miranda Silva Mira Leal, natural da ilha de São Miguel, desde 2022, estamos perante uma Universidade bem consolidada, de pés no chão, mas com os olhos postos no futuro.

Mesmo após o devastador acontecimento em 12 de junho de 1989, onde a Reitoria, casa mãe desta instituição, foi destruída por chamas impiedosas, a Universidade dos Açores não se abateu e reergueu-se impulsionada pela força de seus membros e simpatizantes. De entre os escombros

uma nova realidade surgiu e a vontade de concretizar o sonho de outrora, foi ainda maior.

Estas páginas reúnem memórias do passado, testemunhos no presente, referências para o futuro, num relato escrito com paixão, saudade e emoção.

Como uma memória viva do passado, este livro estará em contínuo crescimento, recebendo sempre dos membros da comunidade académica os seus depoimentos.

A Universidade dos Açores reforça, a cada momento, a sua missão na vertente académica com a transmissão eficaz de conhecimento, na parte da investigação com a aquisição de novos conhecimentos e no contributo à sociedade propiciando uma melhor qualidade de vida. E entre novos desafios e conquistas, novas memórias vão-se construindo.

A todos os que contribuíram para este livro, e para os que ainda o irão fazer, numa próxima edição, um bem-haja,

Biblioteca, Arquivo e Museu da Universidade dos Açores

Abril de 2026



Homenagem à Biblioteca

Testemunho

Maria Fernanda Diniz Teixeira Enes
1975/76 - 1992

Celebrar meio século de existência de uma instituição sonhada e desejada com tanto ardor pela sociedade açoriana, como foi a Universidade dos Açores, é uma urgência e obrigação pelo tanto que ela nos tem legado.

No testemunho que aqui deixo, viro-me especialmente para a Biblioteca Universitária que vi nascer desde o primeiro momento. O seu tempo de vigência, construção do edifício cultural, ultrapassa os 50 anos da Universidade, contados a partir do Decreto de criação de 9 de janeiro de 1976. A Biblioteca tem início mediatamente a seguir ao Despacho Ministerial de 14 de outubro de 1975 que cria o Grupo de Trabalho e Arranque para o Ensino Universitário nos Açores. O seu presidente, José Enes, começa a pensar nos instrumentos fundamentais à missão da Universidade, ou seja, criar e difundir não apenas nos seus alunos, mas em toda a sociedade em que é implantada, o espírito científico capaz de racionalmente impulsionar o progresso humano, social e económico. Dentre estes instrumentos, destaca-se a Biblioteca, essencial para a área das Ciências Humanas e Sociais e complementar para as ditas Ciências Exatas. Como muitas vezes ouvi José Enes dizer, uma biblioteca bem apetrechada é o laboratório essencial ao desenvolvimento das Ciências Humanas e Sociais.

Foi com este espírito que a Biblioteca do IUA, a breve trecho UA, recebeu o 1º impulso em simultâneo com a futura reitoria no Palácio, cedido para o efeito pela Junta Governativa Regional à Universidade em processo de criação. Aí ocupa provisoriamente uma sala no 1º andar sul, extrema oposta à reitoria, enquanto se procede à adaptação da cave para a sua instalação. Biblioteca que, no dizer do 1º Reitor, deve possuir documentação científica atualizada e suficientemente numerosa. Nesse sentido desenvolveu uma aturada e intensa ação, partilhada por todo o corpo académico e apoio da sociedade açoriana, inclusive da diáspora, e das embaixadas dos EUA e de França. Para a aquisição de bibliografia não havia constrangimentos orçamentais.

É sob a direção da Dr.ª Graça Almeida Lima Chorão, com o seu profissionalismo exigente, e a cooperação institucional que a Biblioteca cresce de forma surpreendente e cientificamente se organiza em ordem a prestar serviço de excelência a todos os que dela necessitam para a sua formação.

O serviço prestado pela Biblioteca mantém-se como marca indelével na minha memória desde os inaugurais tempos de aluna do curso intensivo e do semestre introdutório até à licenciatura, projetando-se em todo o meu percurso pessoal e profissional. Usufruí desde o primeiro momento de publicações dos grandes mestres da *Nouvelle Histoire*, tanto das obras clássicas primevas da *École des Annales*, bem como das que iam sendo dadas a estampa. A grande sala de leitura estava repleta de estudiosos - alunos e professores -; convivência académica, para troca de ideias sobre o que se ia colhendo no estudo, fazia-se em intervalos, o que tornava mais produtiva a leitura passada no crivo da crítica. Não obstante a entrada de luz natural se fazer apenas pelas gelosias a nível de rés-do-chão, o espaço da Biblioteca era acolhedor, servido por uma equipa de excelência sempre disponível a satisfazer todas as necessidades, espaço que se ia tornando exíguo à medida do crescimento da Universidade. Crescimento a exigir mudança de edifícios, mas não da elevada qualidade do serviço prestado, nem da política de aquisição de obras. Mantinha-se a vigência do espírito que lhe havia sido impresso no momento da implementação.

Também eu com o tempo mudei de estatuto, continuando a usufruir ainda com mais intensidade da riqueza bibliográfica, em crescimento constante. O fundo bibliográfico aliado aos acervos arquivísticos depositados enriqueceram a ação essencial da Universidade, contribuindo decisivamente para o crescimento do espírito crítico de todos os que deles se servem ao longo do percurso intelectual e humano. É deste modo que sinto o influxo da Biblioteca e Arquivo na dinâmica do meu caminho e, por isso, vejo-a como parte nuclear, a par da ação dos Mestres, do coração da minha *Alma Mater*.

Hoje, instalada numa estrutura arquitetónica digna e adaptada ao serviço que presta à comunidade académica, encerra nas páginas dos muitos milhares de obras o Conhecimento que a *intelligentsia* vai criando. Pese embora a alteração estrutural imposta pela eletrónica e acelerada pelo digital, a Biblioteca e Arquivo mantem-se como testemunho vivo e construção da memória, da historicidade, do Pensamento e da Arte.

Foi esta perceção que, em memória do amor e empenhamento que José Enes votou à Universidade dos Açores e de modo muito particular à sua Biblioteca, pesou na decisão da entrega, por doação, de grande parte da biblioteca particular e de depósito de parte do seu acervo documental.

Expresso profunda gratidão e Homenagem sentida à Senhora Dr.^a Graça, incluindo os membros das diferentes equipas que com ela cooperaram, bem assim aos seus dignos sucessores.



Tempo memória de um percurso profissional e institucional

Fernando Ribeiro¹
1977 - 2023

Reviver o passado para transformá-lo em memória escrita implica dar meia-volta ao presente e, na linha do tempo que se extinguiu, descobrir momentos recordatórios para uma reconstrução de vivências humanas e profissionais.

De costas viradas para o futuro inicia-se esta viagem memória em 2023, ano de viragem de um tempo marcado pelo tic-tac dos ponteiros do relógio, construtor de rotinas para feitos em compromisso pessoa/ instituição, para o desbravar de um caminho novo, sem tic-tac, sem compromisso, que se fará memória sempre que se der meia-volta ao presente.

Como referido, 2023 marca o fim de um percurso profissional e institucional que teve início em 1977 no então designado Instituto Universitário dos Açores.

Entre 2023 e 1999, em espaços designados por BIBLIOTECA convivi com milhares de manifestações deixadas escritas em suporte digital e suporte papel. Os impalpáveis deixavam-se e deixam-se conhecer pela leitura para lá do espaço físico em que habitam os palpáveis, uns em formato arquivo, outros em formato livro. Esta etapa institucional implicou formação

¹ O autor desta memória optou por não nomear pessoas, pois todas foram decisivas durante este percurso pelo Tempo passado. Consultar o repositório institucional <https://repositorio.uac.pt/home> para memórias complementares

continua de modo a poder enquadrar o desempenho funcional no respetivo contexto.

Se em 2023 a BIBLIOTECA tinha ganho extensão digital, deixando de ser apenas um espaço fechado, em 1999 o edificado continha sala de leitura, gabinetes de trabalho e compartimentos para o acervo e para o arquivo cingindo-se o conhecimento para leitura e estudo a um espaço exíguo.

Como a Universidade, entretanto havia atingido a idade adulta, decidiu emancipar-se da sua pequenez espacial e entrou num processo de crescimento que englobou entre outros, o crescimento do espaço BIBLIOTECA. Em 2001 abandona-se o pequeno edifício para um provisório e inicia-se a construção do que viria a ser a nova BIBLIOTECA. Em 2003 há uma pré-inauguração do novo edifício e em maio de 2004 dá-se por concluída a obra, com inauguração definitiva e respetiva ocupação com o regresso do acervo e técnicos ao antigo edifício que, entretanto, cresceu para norte até à rua de São Gonçalo.

Entretanto, no biénio 2001-2003, o autor desta memória frequente e conclui em 2003 o [curso de especialização em Ciências Documentais](#) (variante biblioteca e documentação).

Entre 1999 e 1985, em espaços designados CENTRO DE INFORMÁTICA, novas instalações com salas para servidores, técnicos e aulas que correspondem ao intervalo de tempo 1991-1999, espaço de recurso no Observatório Afonso Chaves (IPMA) devido ao incêndio da reitoria em 1989 e o espaço primeiro do CI na cave do edifício da Reitoria no período 1985-1989.

Na sua génese o CENTRO DE INFORMÁTICA instala-se na cave do edifício da reitoria com um computador central Nixdorf aos quais se ligavam 16 postos de trabalho (aulas) e ainda um computador pessoal IBM com duas drives de 5 ¼ polegadas.

Em 1985, a informática dava os primeiros passos nos Açores e os técnicos que formavam o grupo de trabalho tinham escassos conhecimentos informáticos, pelo que com a pouca oferta de formação disponível foram também autodidatas na aplicação de procedimentos de manutenção dos equipamentos e também na aprendizagem da linguagem de programação

BASIC que contribuiu para consolidar o segmento de computadores pessoais por ser acessível e fácil de aprender.

Nas novas instalações, pós incêndio, é instalado um servidor com sistema UNIX cuja estrutura e princípios de design foram fundamentais para o desenvolvimento de tecnologias modernas, como redes, linguagens de programação e ferramentas de software. Mais tarde são instalados 15 computadores pessoais com o sistema operativo Windows 95 que substitui o sistema operativo MS-DOS.

Todos estes avanços tecnológicos que a Universidade dos Açores foi implementado, obrigando os técnicos a fazerem formação quer na utilização de aplicações como o word, o excel, o mail, assim como formação de administração de sistemas de modo a poder atualizar e manter operacional o sistema UNIX.

Em 1997, em contexto da ANFUP, o descritor desta memória propõe e apresenta o projecto “Curso de Introdução à Informática” num total de 80 horas com o foco nos seguintes itens:

- O computador enquanto máquina: diagnóstico de problemas que o utilizador pode resolver
- Periféricos: como ligar ao computador e tarefas de manutenção
- Rede: definir rede e mostrar de forma esquemática o caso da Universidade dos Açores
- Sistema operativo WINDOWS 95: explicar o sistema operativo de modo que o utilizador tire o máximo de rendimento do mesmo
- Internet como meio de *troca de informação*: utilizar ferramentas disponíveis como por exemplo o EUDORA, ferramenta que permitia gerir contas de e-mail
- Word: processador de texto
- Excel: processador de cálculo e gráficos.

Entre 1985 e 1981, ao regressar do serviço militar, integrou o então Departamento de Biologia na secção de Luta Biológica, tendo, entre outras

tarefas, estado envolvido no combate à lagarta da pastagem, *Mythimna unipuncta*, com saídas de campo percorrendo várias localidades da ilha de São Miguel com a finalidade do levantamento dos seus estados larvares. A metodologia implicava obter semanalmente amostragens diretas nas diversas estações selecionadas onde se contavam o número de larvas por unidade de superfície.

Entre 1980 e 1979 cumpre o serviço militar.

Entre 1979 e 1977 desempenha funções na secção de química do Laboratório de Ecologia Aplicada (LEA). O LEA encontrava-se instalado num dos edifícios da Estação Agrária de São Miguel e em 1982 foi transferido para instalações adaptadas no antigo edifício de Geociências, situado no lado norte do *Campus* Universitário de Ponta Delgada.

Das tarefas desempenhadas, destaca-se o trabalho de investigação sobre o estado trófico das lagoas verde e azul das Sete Cidades sob o ponto de vista químico. Foram selecionadas 3 estações de amostragem na lagoa Verde e 4 na lagoa azul, escolhidas de maneira a cobrir as lagoas e ao mesmo tempo haver zonas de profundidade diferentes. Recolham-se amostras de água para serem analisadas no laboratório e, quando possível, determinavam-se no local outros parâmetros. Para a deslocação nas lagoas e recolha de elementos a analisar, recorria-se a uma canoa a remos.



Centro de informática anos 90



Universidade dos Açores – o (s) meu (s) tempo (s)

**Carlos Manuel Gomes Lobão²
1978 - 1983, 2001, 2006 - 2008**

A 9 de janeiro de 2026, a Universidade dos Açores (UAc) comemora cinquenta anos. É importante fazer notar que à data da minha entrada para a instituição - 1978-1979 - chamava-se Instituto Universitário dos Açores (IUA).

Por isso, foi com emoção, sentida alegria, que abracei o convite para elaborar um pequeno testemunho da minha passagem pela Instituição, para a obra intitulada “UAc - As Minhas Memórias”.

Aos 19 anos, deixei a casa da Rua do Cantinho, n.º 5, freguesia dos Flamengos, ilha do Faial, para ir estudar para longe (S. Miguel, tendo-me instalado na Rua Mãe Deus onde se localizava o “lar académico”, como carinhosamente lhe chamávamos). Depois de cinco anos, deste primeiro passo, corria o ano de 2001 quando voltei novamente aos “estudos”, numa fase mais madura da vida.

Neste contexto, entrei para IUA, no ano letivo de 1978-1979, onde

² Aluno da licenciatura de História e Ciências Sociais (ramo ensino) de 1978-1979 a 1982-1983

Aluno da Pós-graduação Museologia, Património e Desenvolvimento - 2001

Aluno do Mestrado na mesma área - 2006-2008

Aluno de doutoramento em História Contemporânea - 2009-2013

me mantive até 1982-1983, ano escolar em que me licenciiei em História e Ciências Sociais (ramo de ensino). Depois de voltar a casa, onde me “fixei” como professor da Escola Secundária da Horta, voltei a ingressar em 2001 na UAc, quando exercia funções de Diretor do Museu da Horta, para fazer uma Pós-Graduação em Património, Museologia e Desenvolvimento. Posteriormente, em 2008, apresentei dissertação de Mestrado³ na mesma área, situação que me conduziu à realização de um doutoramento⁴, em 2013, na especialidade de História Contemporânea, por “culpa”, mas que boa culpa, de Carlos Cordeiro, Susana Serpa Silva, ambos docentes da UAc e Irene Vaquinhas, docente da Universidade de Coimbra.

A grande verdade que ressoa da minha passagem pela UAc é que estou em condições de afirmar que os tempos de estudante são sempre profícuos em memórias. No entanto, aquilo que mais me vem à memória são, sem dúvida, as boas recordações, os desafios superados, os amigos para sempre dum tempo que nunca se esquece, o contacto com uma ampla “gama de conhecimentos, histórica e cientificamente sistematizados”.

Neste momento, em que a nossa academia está em festa, e em constante desafio face aos tempos que correm, quero apenas ir ao seu encontro para lhe dizer, *inter alia* - OBRIGADO.

Repito OBRIGADO, por aquilo que fazemos no dia a dia, e que a UAc nos “deu” em ambos os momentos: o prazer do trabalho autónomo e a consciência da necessidade de se estar constantemente aprendendo, numa atitude beneditina, de infinita paciência, de constante desassossego face ao trabalho histórico que é, afinal de contas, provisório, imperfeito, sempre passível de ser melhorado, corrigido, alterado e ampliado. Ou seja, a GRATIDÃO é a virtude do reconhecimento, do que recebemos. Demonstrar o meu apreço. Sem a UAc, entenda-se a instituição - com os seus docentes, funcionários e alunos -, teria sido menos capaz, e não teria feito tanto, o que me permite afirmar QUE TAMBÉM FAZ PARTE inevitavelmente da MI-

³ Tese - *História, Cultura e Desenvolvimento numa cidade insular. A Horta entre 1853-1883. Defendida a 17 de outubro de 2008. Editada em 2010 pelo Núcleo Cultural da Horta.*

⁴ Tese - *Uma cidade portuária. A Horta entre 1880-1926. Sociedade e Cultura com a Política em fundo. Defendida a 29 de novembro de 2013. Editada em 2014 (edição de autor)*

NHA HISTÓRIA. Sabemos que a UAc não está à espera de reconhecimento, de gratidão, mas é o mínimo que posso fazer para demonstrar todo o meu carinho, a minha amizade e minha admiração, por uma “casa” que também considero MINHA, pela maneira extraordinária como me ajudou tanto no professor como no investigador em que me tornei, porque ninguém consegue vencer sozinho, e o *Carlos Lobão* não foge à regra.

Em suma, a UAc constitui para mim uma segunda “casa”, como já aludi, um local de memória, identidade e pertencimento, exercendo uma função fundamental na minha formação, no exercício efetivo da Cidadania. É uma recordação à qual regresso quando quero sentir “a MINHA HISTÓRIA” perto de mim.

Ad multos anos!



Da esquerda para a direita: Miguel Sardica (U. Católica), Rosa Goulart, presidente do júri, vice-reitora da UAc), Carlos Lobão, Irene Vaquinhas (U. Coimbra), Susana Serpa Silva (orientadora, UAc), Carlos Cordeiro (orientador, UAc), Nelson Veríssimo (U. Madeira), Avelino Mezes (UAc) e Madruga da Costa (UAc).



A UAc que Conjugou Dois Mundos

**Rosa Maria Neves Simas
1980 - 2025**

Poderá dizer-se que a Universidade dos Açores foi a ponte que uniu os dois mundos que moldaram a minha vida. Mais precisamente ainda, foi o íman que consolidou o meu regresso aos Açores, para viver, trabalhar e prosseguir o meu percurso pessoal e profissional, após trinta e cinco anos de vida plena nos Estados Unidos.

Nasci na Ilha do Pico, mas emigrei com os meus pais, quando tinha apenas dois anos de idade, para a Califórnia, onde cresci, estudei e trabalhei. Cedo percebi que os Açores eram parte integrante de quem eu era e queria ser, mas também me identificava com os ideais de uma América efervescente e estimulante. Na altura, como dizia o escritor Anthony Burgess, era onde “o futuro acontecia primeiro.” Justapondo esses dois mundos, diria que eu era americana em ideário e espírito, e açoriana de carne e osso.

Já tinha atravessado a América, e também o Atlântico, várias vezes, quando, no ano lectivo de 1980-81 - era eu mestranda na *Vanderbilt University*, no estado de Tennessee - uma Bolsa *Fulbright* levou-me até Portugal, para estudar na Universidade de Lisboa, e encaminhou-me para conhecer a Literatura dos Açores, especialmente Vitorino Nemésio, na recém-criada academia açoriana, inaugurada quatro anos antes, em 1976. Não fazia a mínima ideia de que o ensino superior tinha chegado às ilhas, e fiquei encantada!

O meu mestre foi o Professor António Machado Pires. O próprio! Só depois percebi que ele tinha sido dos principais fundadores desta academia insular e tripartida. Destinado a ser o segundo Reitor, entre 1982 e 1995, depois do primeiro, Professor José Eanes, meu contemporâneo, foi o Professor Machado Pires que, terminada a Bolsa *Fulbright*, em junho de 1981, me convidou para leccionar na UAc. Ciente de que adorava vir às ilhas de visita, e de que viver cá seria outra coisa, aceitei. Ia ser por um ano, mas acabei por ficar quatro, até Junho de 1985, altura em que impulsionei a celebração *Renaissance Faire*, memória viva para quem estava cá na altura.



Renaissance Faire

Voltei aos Estados Unidos para completar o meu doutoramento, que terminei em 1990 na *University of Califórnia, Berkeley*, onde leccionei de 1990 a 1991, altura em que o íman da UAc me trouxe de volta. Durante mais de três décadas, tive imenso gosto em partilhar os meus conhecimentos da língua, literatura e cultura do mundo anglo-saxónico, especialmente o americano, gosto redobrado pela oportunidade de melhorar o meu conhecimento da língua portuguesa e do mundo lusófono, especialmente o açoriano.

Sem a Universidade dos Açores não teria tido a oportunidade de conjugar os meus dois mundos de uma forma tão dinâmica e compensadora. Houve momentos mais difíceis, situações amargas, pois viver entre dois mundos não é fácil. *But I wouldn't have had it any other way! Thank you, University of the Azores!* Obrigada aos caros colegas e funcionários que fazem desta pequena universidade o grande farol da realidade açoriana.



Entre a Ilha e o Ofício – Memória de um Aluno Transformado em Professor

Paulo Renato Ermitão Gregório⁵
1982 - 1987

Com treze anos, comuniquei ao meu pai - sem hesitação - que desejava ser professor de História. Não era um capricho de adolescência nem um devaneio romântico de quem folheia um manual escolar e se deixa seduzir por uma imagem antiga. Era já, nessa idade, uma decisão com raízes fundas, alimentada por livros, inquietações e um fascínio pelos séculos passados.



Quando, aos dezanove anos, concorri à Universidade dos Açores - em primeiro lugar - fi-lo com pragmatismo e idealismo entrelaçados. Tinha o curso que desejava, História e Ciências Sociais, e garantia ainda o estágio profissional integrado e remunerado - um detalhe que fazia toda a diferença. Mas não foi apenas por isso que a escolhi. Algo me dizia que, naquele território rodeado de mar, suspenso entre o continente e o horizonte, havia liberdade e oportunidade, havia uma forma de crescer.

Na Universidade dos Açores, tornei-me adulto. Não foi um rito de passagem abrupto. Foi um processo, uma alquimia de vivências, estudos, debates, amizades, noites longas de leitura, cafés e convívios. Ali, passei de jovem a homem, sem perder a leveza nem o espanto que sempre me acompanharam. Tive professores que me marcaram profundamente - e digo,

⁵ Paulo Renato Ermitão Gregório é natural de Meia Via, concelho de Torres Novas, onde nasceu em 1962. Licenciou-se em História e Ciências Sociais na Universidade dos Açores e é mestre em História da Arte, pela Universidade Nova de Lisboa. É professor na escola pública, leciona História e História da Arte. É investigador nas áreas de Arte, História e Urbanismo torrejano.

“tive” com gratidão e orgulho. O professor Nestor de Sousa, com quem desenvolvi uma relação de respeito e amizade verdadeira, guiou-me com uma sabedoria feita de rigor e generosidade. O professor José Nunes Carreira, figura clássica, exigente e serena, ensinou-me o peso das fontes, o valor da palavra justa, a medida da erudição. E outros poderia aqui acrescentar. Particpei na vida académica, fui membro da associação de estudantes e representante destes no departamento. Vivi intensamente a universidade durante cinco anos.

Recordo o Liceu Antero de Quental, onde cumpri o estágio profissional. Entrei com nervosismo e expectativa, como quem pisa um palco pela primeira vez. Saí com a certeza íntima de que estava, afinal, no lugar certo. A sala de aula, com os seus desafios, ruídos e silêncios, tornou-se o meu território. Ali, aprendi que ensinar não é apenas transmitir conhecimento: é ser presença, farol e margem.

A universidade transformou-me - e eu transformei-me no professor que sonhara ser. Mas, mais do que isso, tornei-me também investigador e historiador da arte, hoje com obra publicada, com ideias que resistem ao tempo, com palavras que sustentam edifícios e traçam genealogias. Escrevo sobre igrejas, mestres construtores, traços e pedras - histórias que se escondem e que procuro desvendar. Estudo e ensino com o mesmo fulgor daquele jovem que desembarcou na ilha com um sonho no bolso e uma vontade férrea de cumprir um destino.

O que recebi na Universidade dos Açores não se mede em créditos nem em diplomas. Recebi tempo - para pensar, para crescer, para errar. Recebi pessoas - que me desafiaram, inspiraram, acolheram. E recebi um modo de estar na vida: com rigor, com afeto, com sentido de missão.

Hoje, quando olho para trás, não o faço com saudade, mas com uma nostalgia firme - daquelas que não paralisam, mas sustentam. Sei que parte de mim será sempre a ilha - entre corredores e bibliotecas, entre aulas e encontros, entre o silêncio do mar e o burburinho da juventude.

A Universidade dos Açores não foi apenas o lugar onde estudei. Foi o lugar onde me tornei inteiro.



Na bruma do tempo...

José Manuel Teixeira⁶
1982 - 1988

Na bruma do tempo estalam aqueles momentos, próprios da juventude, vividos na Ilha Verde rodeada de memórias como antigo estudante do Instituto Universitário dos Açores. Decorria o ano de 1985, quando já representava a Associação Académica da Universidade dos Açores nos campeonatos de xadrez, integrei também a coletânea de poesia *Carrocel de Nós*, amavelmente prefaciada pela Dr.^a Maria da Conceição Vilhena.

A universidade para nós foi o bar onde marcávamos os encontros, a cantina onde desfrutávamos laços de amizade que ainda perduram, a biblioteca onde estudávamos e desfrutávamos algumas horas de leitura.

Não posso deixar de recordar a paisagem florida do Pinhal da Paz, a beleza das lagoas e das fajãs viçosas onde livremente as vacas pastavam.

Poderia rememorar a conjuntura que envolvia o vinho de cheiro, ou as garrafas de Porto, Moscatel, verde ou maduro, que bebíamos, como que à socapa, nas noites que alongavam os sábados, comendo pão fresco amanhado com queijo das Lombadas. Permitam-me também realçar o delicioso cozido das Furnas que se usufruía nos fins de semana que não tomassem o estudo para as frequências. Neste seguimento, realço ainda os piqueniques feitos no cone surtseiano do ilhéu de Franca do Campo, onde, nessa época,

⁶ Natural de Luanda e aposentado em Guimarães, onde lecionou

se podia nadar e mergulhar, depois de percorrermos de barco os cerca de uns 1000 metros desde o cais do Tagarete, para lá chegarmos.

Para não me alongar demasiado com todos os belíssimos recantos que se prestam a realçar, assim como os eventos que aproveitámos, permitam referir às fotos batidas, nomeadamente, nas portas da cidade, à chegada e antes do regresso ao Continente.

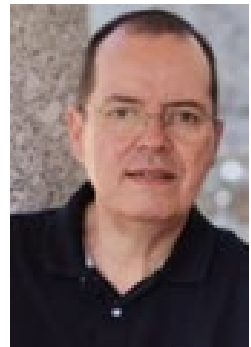
Com igual emoção saliento a espera pela passagem dos romeiros, bem com as visitas ao Museu Carlos Machado, acompanhadas pelo saudoso Dr. Nestor de Sousa. E, antes do derradeiro ponto final, relembro calorosamente as festividades do Senhor Santo Cristos do Milagres celebradas entre o domingo de Pentecoste e o verão, sem omitir a decoração dos seus impérios, nem as coroações e a entrega das sopas do Espírito Santo, que todos os anos, se realiza ainda, geralmente, em julho.



Ponta Delgada, 1983-1987: a emoção do “regresso”

Jorge Lopes⁷
1983 - 1987

No dia 10 de outubro de 1983 cheguei a Ponta Delgada para iniciar uma etapa crucial da minha vida: a entrada no ensino superior. Com apenas 18 anos, ainda dominado pelo conforto e proteção do ambiente familiar, sentia alguma apreensão face à nova realidade que estava prestes a enfrentar. Poucos dias depois as nuvens dissiparam-se, os receios desapareceram, e a maravilhosa ilha de São Miguel passou a ocupar um lugar de destaque no meu património de experiências e memórias.



É particularmente difícil descrever com exatidão os quatro anos passados na ilha. Desde o primeiro dia, uma ampla diversidade de fatores convergiu para que a minha integração fosse plena: a amabilidade e disponibilidade dos micalenses, os elevados padrões de qualidade e exigência do corpo docente do curso e a amizade e companheirismo dos meus colegas de turma. Todos estes elementos confluíram para me propor-

⁷ Jorge Manuel Neves Gomes Lopes frequentou a Licenciatura em Estudos Portugueses e Ingleses entre 1983 e 1987. É *Professor Adjunto, PhD em Ciências Empresariais – Gestão de Marketing Cultural, Coordenador da Licenciatura em Gestão de Empresas, Coordenador da Área Científica de Gestão, Coordenador da Comissão de Estágios, no ISAG-European Business School - Instituto Superior de Administração e Gestão*

cionar uma inolvidável experiência de vida, que ainda hoje me emociona profundamente.

Os tempos de estudante são muitas vezes recordados de uma forma que pouco ou nada terá a ver com a realidade dos factos. Como já tinha intuído o grande romancista Vergílio Ferreira, o passado não tem a ver com o que realmente aconteceu, mas sim com a reinterpretação que nós fazemos desse mesmo passado, irremediavelmente transformado pelo processo de presentificação e reprodução dos episódios vividos. Esses mecanismos de recuperação da memória estão sempre dependentes dos modos diferenciados de avaliar as diversas fases da nossa vida, à medida que nós próprios nos vamos transformando com o avançar da idade, reavaliando supostas certezas da juventude à luz do nosso eu do presente.

No meu caso, a avaliação que fiz em julho de 1987, quando parti da Ilha de São Miguel, é rigorosamente idêntica à que faço hoje. Nesses quatro anos mágicos e irrecuperáveis, a minha aprendizagem não se limitou à sala de aula: foi consolidada pelos colegas e professores que me acompanharam nesse caminho, agora recordado com tanta nostalgia e afeto. Perdoem a ousadia, mas é com indiscutível orgulho que me considero um Micaelense. Um dia, irei certamente voltar, para tentar recuperar um pouco dessa *juventude perdida...*



Testemunho de uma antiga aluna

Maria Teresa M. A. Moutinho⁸
1983 - 1988

O meu nome é Teresa Moutinho, sou natural da freguesia de Favaios, concelho de Alijó, distrito de Vila Real. Ingressei na Universidade dos Açores no início dos anos 80, numa época em que as viagens não se faziam com a frequência que se fazem atualmente. No meu caso, entre muitos, um ano letivo implicava duas viagens: a de ida, no início das aulas, e a de volta, no final dos exames. As saudades de casa e da família não se atenuavam com as redes sociais, pelo que eram as cartas o meio de comunicação mais viável, tendo em conta que o telefone não era ainda muito acessível. Porém, o ambiente familiar que se criava nessa época ajudava-nos a viver o dia a dia corajosamente, enfrentando o trabalho académico com resiliência e determinação, quanto mais não fosse, pelas paisagens estonteantes que nos inebriavam e nos impeliam a percorrer a ilha, numa aventura permanente.

Recordo, com nostalgia, as refeições na cantina, os momentos de convívio no bar, a biblioteca, que era um espaço que frequentava quase diariamente, porque aí criei autonomia, método e apetência por expandir o conhecimento da minha área específica, consolidando também os conteúdos explanados nas aulas, o jardim, esse oásis que percorri vezes sem conta, deambulando entre o deleite e a obrigatoriedade do motivo que me levou até esta ilha maravilhosa!

⁸ Frequentou o curso de Línguas e Literaturas Modernas, na vertente de Português-Francês, entre os anos letivos 1983/1984 e 1987/88.

Os professores eram solícitos, afáveis, acessíveis e disponíveis. Lembro-me, com carinho e admiração: do Dr. Almeida Pavão e do Dr. Machado de Assis, o então Reitor, pela seu imenso saber e pelo seu profundo humanismo; do Dr. Ricardo Ferreira que atendia atenciosamente aos nossos pedidos, nos Serviços Sociais; do Dr. Nestor de Sousa, que não sendo professor de todos os alunos, acolheu muitos com quem estabeleceu uma verdadeira amizade. Na pausa do Natal, muitos de nós não gozávamos do privilégio de ir a casa, por razões económicas. Era neste período que nos abria as portas da sua residência e nos oferecia a ceia do 24 de dezembro, recheada de iguarias características de cada região, transformando aquela noite, calorosa e festiva, num momento extraordinário que compensava todas as ausências. As conversas aconteciam naturalmente, aliviavam-nos a mente, eram francas, havia risos e abraços. A cada ano que passava, repetia-se esta espécie de ritual natalício que nos unia numa cumplicidade salutar.

Toda a gente se conhecia do Minho ao Algarve. Essa vivência, tão insular, acompanha-nos em encontros anuais nos vários locais de origem dos estudantes, no último fim de semana de agosto, até hoje. Este ano, realizar-se-á em Ponta Delgada. É sempre com muita alegria e emoção que revivo aqueles momentos que marcaram os meus tempos de estudante!

Infelizmente, grande parte dos nossos professores já faleceram, contudo, soube que a Dr.^a Rosa Goulart ainda está no ativo. Deixo-lhe, neste breve testemunho, um abraço de gratidão, pelo se contributo na construção do que sou hoje: uma professora, quase aposentada, que seguiu um percurso que começou também nas suas aulas de Introdução aos Estudos Literários. Aulas que definiram as bases das múltiplas especificidades da Língua Portuguesa e me encorajaram a prosseguir e a ajudar outros discentes ao longo da minha carreira.

Muito obrigada a todos os que escutaram estas breves palavras, muito obrigada à Universidade dos Açores por tudo o que me ajudou a ser!

Bem hajam!



Universidade dos Açores - Um testemunho

Luís Manuel Vieira de Andrade
1984 - 2025

Foi-me pedido um testemunho acerca de uma ou várias recordações que tive aquando da minha passagem pela Universidade dos Açores.

Os quase 40 anos que passei naquela instituição, foram caracterizados por momentos bons e menos bons como, aliás, tudo na vida. Nada, nem ninguém, é perfeito neste mundo.

Lecionei um número considerável de unidades curriculares ao nível da licenciatura, do mestrado e do doutoramento, designadamente nas áreas relacionadas com a Ciência Política, a Estratégia, a Geopolítica e as Relações Internacionais em geral.

Um dos aspectos mais marcantes da minha carreira universitária foi a oportunidade de conviver e de aprender com Mestres como os Professores José Enes e Gustavo de Fraga, entre outros. O convívio com eles foi extremamente enriquecedor em todos os sentidos.

Por outro lado, o facto de ter sido inicialmente secretário e, depois, Director do Centro de Estudos de Relações Internacionais e Estratégia (CE-RIE), criado pelo Professor José Enes, permitiu-me contactar com vários especialistas nacionais e internacionais na área das Relações Internacionais e da Estratégia, que muito contribuiu para o aprofundamento dos conhecimentos naquelas áreas científicas.

Um outro aspecto decisivo no âmbito da minha passagem pela Universidade dos Açores teve a ver com os trabalhos que desenvolvi com o Professor Adriano Moreira, uma das maiores referências em Portugal no que diz respeito à Ciência Política e às Relações Internacionais. Eu tive o privilégio e a honra de ter sido orientado em todas as minhas provas académicas pelo Professor Adriano Moreira que participou, de igual modo, em todos os meus júris.

Em todo este contexto, a bolsa da NATO que me foi atribuída em 1989 constituiu, também, um dos momentos mais relevantes da minha vida académica na medida em que permitiu desenvolver investigação em várias instituições de ensino superior e bibliotecas, designadamente em Washington, Boston, Nova York e em Bruxelas, ao longo de vários meses.

Por outro lado, o desempenho das funções de Pró-Reitor para as Relações Internacionais e Cooperação Institucional tornou possível desenvolver contactos com várias instituições de ensino superior na Europa, nos EUA, no Canadá, no Brasil e em África. O Programa ERASMUS ajudou, de igual modo, a promover a internacionalização da Universidade dos Açores, através do intercâmbio de alunos e professores com várias Universidades europeias. Eu próprio beneficieei daquele Programa tendo lecionado em várias instituições de ensino superior como, por exemplo, Praga, Sófia, Varsóvia, Atenas, Istambul, Vilnius, Budapeste, Barcelona, etc.

Gostaria, ainda, de agradecer aos anteriores Reitores, Machado Pires, Vasco Garcia, Avelino Meneses, Jorge Medeiros, João Luís Gaspar e à actual Reitora, Susana Mira Leal, todo o apoio que recebi ao longo de várias décadas.

Foi, de facto, um privilégio ter sido docente da Universidade dos Açores durante quase quarenta anos.



As minhas memórias

Maria do Carmo Martins
1986 - 1990, desde 1992

Há memórias que ficam guardadas no coração como equações que nunca se resolvem completamente - apenas se contemplam. As minhas de aluna, da Universidade dos Açores entre 1986 e 1990, são assim: páginas vivas de uma história que ainda hoje me habita, com o cheiro a maresia a misturar-se com a lembrança do exíguo Departamento de Matemática.

Naquela altura, tal departamento funcionava num pré-fabricado, erigido onde hoje se estende o parque norte de estacionamento. Uma estrutura modesta, frágil, que, paradoxalmente, sustentava os alicerces sólidos do nosso futuro. Não havia o conforto nem os recursos que os estudantes de agora consideram essenciais, mas havia muita vontade de aprender, curiosidade e um entusiasmo quase inocente pelo conhecimento.

Durante os quatro anos de formação do curso de Matemática (Ensino de), recordo-me do convívio intenso entre os alunos açorianos e os colegas que vinham do continente. Éramos diferentes, sim - nas origens, nas histórias, até nos sotaques -, mas a Matemática unia-nos num idioma comum. Entre livros gastos, cafés prolongados e muitos serões a resolver problemas, aprendemos não só a lógica dos números, mas também a arte da amizade, da partilha e da colaboração.

Os professores, muitos deles convidados que lecionavam em regime pós-laboral, eram figuras de dedicação e paciência. Vinham, muitas vezes,

depois de um dia inteiro de trabalho, ainda com a energia suficiente para abrir diante de nós mundos novos de pensamento. Lembro-me, com especial carinho, do convênio com a Universidade de Coimbra que nos trouxe docentes inspiradores e saberes frescos. Chegavam com os seus cursos intensivos e deixavam-nos fascinados pela profundidade e pela beleza da Matemática. Era um sopro de outras realidades académicas, que nos fazia sonhar mais alto.

Tudo era desafiante e inspirador - a escassez de recursos, os horários exigentes, a pequena biblioteca, os serviços académicos, o belo jardim e a residência universitária na rua Margarida de Chaves. Mas talvez tenha sido precisamente isso que tornou a experiência tão transformadora e a cada obstáculo superado, a cada teorema finalmente compreendido, sentíamos-nos a crescer não apenas como estudantes, mas como pessoas.

A interrupção letiva durante a semana académica proporcionava um intenso convívio entre os colegas de curso e os dos outros cursos ministrados pela universidade. Preparávamos, com requinte, o desfile académico e o carro alegórico.

Quase sempre o Departamento de Matemática ganhava o desfile, umas vezes devido ao vestuário trajado pelos estudantes que nele se integravam, outras pela decoração do carro alegórico, enfeitado a rigor com flores de papel em cor azul-claro e branco, confeccionadas a preceito. A não esquecer o tão desejado jantar de curso, com os estudantes dos quatro anos da licenciatura, e a cerimónia da bênção das pastas dos alunos finalistas.



Foram anos que moldaram a minha forma de ver o mundo. A Matemática ensinou-me a pensar com rigor e clareza, mas a universidade - aquela universidade feita também de pré-fabricados e de pessoas extraordinárias - ensinou-me a valorizar o esforço coletivo, a importância da curiosidade e a beleza das relações humanas construídas no caminho do saber.

Quando olho para trás, vejo muito mais do que aulas, exames e fórmulas. Vejo rostos que ficaram gravados na memória, vozes que ainda ecoam nas minhas recordações e uma versão de mim própria a descobrir, pouco a pouco, o poder do conhecimento.

Após concluir a licenciatura e o ano de estágio, regresssei em 1992 à Universidade dos Açores como Assistente Estagiária. Prossegui a minha formação académica realizando as Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica sob a orientação de uma professora da Universidade de Coimbra e o Doutoramento no Instituto Superior Técnico. Hoje, ao passar pelo *campus* sinto uma mistura de orgulho e saudade. Orgulho pelo caminho percorrido - por nós e pela instituição que nos acolheu - e saudade de um tempo em que tudo era promissor.

A Universidade dos Açores foi, para mim, muito mais do que um lugar de estudo. Foi um lar intelectual, um espaço de crescimento, um palco de encontros que moldaram o meu percurso. Bem-hajam!



Universidade dos Açores

A minha 2.ª casa

Laudalina Esteireiro
Desde 1987

Tomei contacto com a Universidade dos Açores como funcionária da Biblioteca, Arquivo e Museu e depressa percebi, por gostar de aprender, que tinha de tomar contacto também como estudante.

Nos bancos desta academia senti o pulsar da sabedoria de muitos e bons professores que me marcaram para a vida. Foram anos não só a aprender, mas também a compreender a História, o curso que me preparou para progredir profissionalmente, embora com algumas dificuldades e lágrimas, fruto de um problema de saúde, ultrapassado com a ajuda da ciência, mas muito também pelo carinho e acompanhamento dos colegas do curso. Com este apoio, aventurei-me numa Pós-Graduação em Ciências Documentais e da Informação, tomei gosto pelo saber, e como esta é a minha 2.ª casa, é a partir daqui que tenho andado pela Europa no que se chama *Erasmus +* que me permite aperfeiçoar conhecimentos na nossa biblioteca universitária e no *American Corner*, onde também colaboro intensamente, em ligação entre a Academia, a Embaixada dos EUA e o Consulado Americano nos Açores.

Dar um testemunho pessoal sobre a UAc é muito difícil, porque o ambiente é de proximidade entre o estudante e os docentes, o saber é partilhado e a obrigatoriedade de investigar os ensinamentos para sermos melhores é o caminho a seguir.

Tenho saudades de ser estudante. Ricos tempos...

Importante nas recordações é também reconhecermos que o caminho não se faz sozinho, por isso entendo que pelo facto de ter sido aluna trabalhadora, persistente, dinâmica e motivada, fez com que hoje como profissional tenha as mesmas aptidões ao que acrescento a atitude e a capacidade de saber ser e estar.

Só posso dizer, para não me alongar mais, um bem-haja a quem me acolheu na academia e espero que todos os que puderem aproveitem para estudar na nossa universidade.

Viva a UAc!



Uma vida na UAc...

Cármem de Fátima Carvalho Silva Viveiros
Desde 1987

Entrei para esta casa a 4 de maio de 1987, inicialmente como funcionária dos Serviços de Documentação (SD), tendo passado pelo Centro de Informática e pelos Serviços Académicos. Sou, portanto, do tempo da máquina de escrever manual, das catalogações em fichas de papel arquivadas em ficheiros e dos cartões de leitor em formato físico, aos quais era atribuído um número sequencial.



Lembro-me de que, entre os anos de 1992 e 1993, grávida do meu segundo filho, realizou-se na Universidade dos Açores - por iniciativa dos SD, mas sob a responsabilidade da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas - um Curso de Técnicos Adjuntos de Biblioteca, Arquivo e Documentação (BAD), opção Biblioteca, o qual frequentei para assegurar uma melhor condição profissional e, ao mesmo tempo, adquirir mais conhecimentos nesta área.

Abracei este desafio com o apoio do meu marido, que também foi funcionário desta instituição, e não posso deixar de expressar a minha gratidão por tudo o que aprendi aqui ao longo destes anos. Relembro todos os momentos difíceis superados, assim como aqueles de grande partilha e camaradagem - com sorrisos entre as frustrações, mas sempre com um profundo sentimento de pertença.

Quero ainda deixar uma nota, recordando que, em 2016, a biblioteca passou a designar-se Biblioteca, Arquivo e Museu (BAM), tendo o seu primeiro evento sido a “Exposição Documental dos 50 anos da UAc”, realizada a 23 de outubro de 2025.

Concluo esta reflexão manifestando, mais uma vez, a minha alegria e orgulho por fazer parte desta grande equipa que é a Universidade dos Açores, há 38 anos.



Um percurso de trinta e oito anos

**Maria das Mercês Varão Freitas
Desde 1987**

Mercês Freitas, 22 anos, outubro de 1987.

Sem saber ao certo onde ficava a Universidade dos Açores, ia perguntando pelo caminho. Nem queria acreditar que era o meu primeiro dia de trabalho - confesso que fui acompanhada por uma dose de nervosismo.

Vim só por um mês para terminar um programa de uma funcionária e já lá vão 38 anos. Comecei o meu percurso na biblioteca (Serviços de Documentação) como tarefa sob orientação da Dr.^a Graça Correia, senhora exigente, mas muito respeitada e profissional. Ainda bem que comecei o meu percurso profissional com uma mestre. Nesta época, em que não se falava em computadores, os livros eram catalogados em máquinas de escrever, que eram reproduzidas em fichas e colocadas em ficheiros para serem manuseadas pelos utilizadores. Outros tempos...

Em 1989, aconteceu o pior: o edifício da Reitoria ardeu. Foi um momento difícil e triste, do qual me recordo como se fosse hoje.

Em 1993, frequentei o curso da BAD. Em simultâneo, completava os meus estudos na Escola Domingos Rebelo em regime noturno. Frequentei algumas formações - poucas, porque o que eu gosto mesmo é de aprender em ação, com trabalho prático - e, apesar de não ter hábitos de leitura, é no

meio de livros que me sinto realizada.

O dia de amanhã é uma incógnita, mas o percurso destes 38 anos foi muito feliz, onde fiz amizades que levo para a vida. A Universidade dos Açores é a minha segunda casa, que me viu crescer a nível profissional, e envelhecer. Como se costuma dizer, já faço parte da mobília.

Obrigada a todos aqueles que se cruzaram comigo e que me ajudaram no meu percurso. Ninguém cresce sozinho.

Mercês Freitas, 60 anos, outubro de 2025.



Bem, a UA...

Joaquim Leça⁹
1988 - 1994

A 14 de Outubro de 1988 chegava à Ilha Terceira acompanhado pela minha mãe para ingressar no então curso de Engenharia Agrícola leccionado no Departamento de Ciências Agrárias (DCA) da Universidade dos Açores, na freguesia da Terra Chã, em Angra do Heroísmo. Toca a fazer a matrícula nos Serviços Académicos e logo fui recebido por um grupo de alunos mais velhos e o contacto com as primeiras praxes académicas. “Então, de onde vens?”, perguntaram os “Engenheiros” (os colegas com duas ou mais matrículas). “Da Madeira”, respondi eu. Pois é, saltei de uma Ilha para outra Ilha, e por ser ilhéu, cedo adaptei-me às “Ilhas de Bruma” e ao seu sentir. Éramos 30 caloiros, metade para cursar Engenharia Agrícola e outra para Engenharia Zootécnica. Uns da terra e das outras ilhas dos Açores, outros do Continente e o madeirense (que era eu). Desde aquele momento, começámos a conhecer-nos melhor e a identificarmo-nos mais com uns do que com outros, mas existia espírito de grupo aliás patente na Festa dos Cortes (de cabelo), na véspera de São Martinho. Foi assim que conheci o meu irmão (não de sangue, mas de grande amizade), Rui Sousa, do Barreiro (da freguesia de Coína), amizade que passados quase 37 anos se mantém “firme e hirta” como dizia o outro.

Do primeiro ano recordo com saudade as aulas de Matemática e de

⁹ Antigo aluno e dirigente associativo do *Campus* de Angra do Heroísmo da Universidade dos Açores

Biologia leccionadas pela Dr.^a Orlanda Ponte e o Dr. Paulo Borges, respectivamente. E das aulas de Química Inorgânica e Orgânica ministradas pela Dr.^a Teresa Lima e a Dr.^a Adelaide Lobo. E havia uma cadeira com o nome de Introdução às Actividades Agrárias que se abreviava para IAA, dada pela Engenheira Raquel que tinha sido uma das primeiras senhoras no Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa, e que tinha sido contemporânea de Amílcar Cabral, esse mesmo, o “pai” fundador de Cabo Verde como país.

Os meses foram-se seguindo e somando, e no final do primeiro período do 2.^o ano, a Associação de Estudantes de Ciências Agrárias (AECA) resolveu criar um jornal académico. Toca a pedir colaboração dos colegas para escrever artigos e poemas... E qual seria o nome a dar à publicação? Este que vos escreve sugeriu “O Cábula” - e não é que ficou mesmo com esse nome! O primeiro director desse jornal, o Colega Eugénio Diogo (da Ilha das Flores) juntamente com o meu amigo e Colega José António Pacheco (caloiro do ano 1988/1989, do qual faço parte) e mais uns colaboradores, lançámos no início de Dezembro de 1989 o número zero mesmo antes das Férias de Natal. Bem, foi um sucesso e esse jornal fotocopiado na reprografia do DCA pelo saudoso Ti’ Jorge Bacalhau (Jorge Fagundes) e pelo “Chalana” fazia a delícia de toda a comunidade académica, em especial, dos alunos, pois trazia temas dirigidos sobretudo para os estudantes. Tempos onde aprendi a ser editor, jornalista e até ardina!

Em Março de 1990, a AECA lançava a I Semana Académica do Departamento de Ciências Agrárias e tal foi o sucesso, que ainda hoje perdura no agora *Campus* de Angra do Heroísmo, localizado no Pico da Urze, naquela cidade. Lembro-me de andar a afixar cartazes dessa Semana Académica pelas lojas de Angra e algum tempo depois convidavam-me para fazer parte de uma lista para a Associação de Estudantes. Fui eleito como Secretário da Direcção em 1990/1991, Vice-Presidente da Direcção em 1991/1992 e Presidente da Direcção em 1992/1993 e 1993/1994. Como devem imaginar, como dirigente associativo, guardo muitas vivências dessa época e amizades para a vida, das reuniões do Conselho de Departamento, no DCA, do Senado da Universidade dos Açores, em Ponta Delgada, dos ENDA (Encontro Nacional de Direcções Associativas) onde participei, em Coimbra e em Lisboa, nos anos “quentes” do pagamento de propinas e da famigerada Lei

20/92 (conhecida como a Lei das Propinas publicada em 1992).

Gostei tanto de ser aluno da UAc que em vez dos cinco anos que então precisávamos para concluir a licenciatura, fiz mais um ano extra, para concluir algumas cadeiras do curso e realizar o meu estágio de fim de curso.

Aprendi a amar as “Ilhas de Bruma” e as suas gentes, fiz amizades entre colegas, professores e funcionários e até pessoas que não faziam parte da Universidade, e isso é o que mais prezo, o lado humano de quando era estudante universitário e as experiências de vida que me fizeram crescer como pessoa. Na freguesia da Terra Chã tínhamos o privilégio de sermos uma grande família, não de sangue, mas de afinidade porque a maioria ficava pela Ilha ao longo dos anos lectivos, só indo a casa pelas Férias de Natal, Páscoa e de Verão. Sei que hoje é diferente, até porque há mais ligações aéreas do que havia nesse tempo e por isso já é possível “ir a casa” mais vezes, mas como tudo na vida, ganha-se por um lado (convive-se mais com a família), perde-se por outro lado (convive-se menos com os colegas de curso).

E porque essa união persistiu no tempo, é que de há uns anos a esta parte nasceu um convívio dos antigos alunos de Ciências Agrárias da Universidade dos Açores que anualmente, pelo São Martinho, se reúnem em diferentes partes do país, com a particularidade de cinco em anos o encontro acontecer em Angra do Heroísmo, a nossa “casa” de sempre!

Um bem-haja a toda a comunidade da Universidade dos Açores repartida pelas Ilhas de São Miguel (*Campus* de Ponta Delgada), Terceira (*Campus* de Angra do Heroísmo) e Faial (*Campus* da Horta)!

Parabéns, Universidade dos Açores, pelas bodas de ouro, por este meio século pleno de vida e de oportunidades dadas a tantas gerações de alunos, professores e funcionários, da qual como antigo aluno, orgulhosamente faço parte! Que venham muitos e bons anos de Universidade dos Açores!!!

Viva a UAc! Viva!



Faz de conta que não foi há mais de 30 anos

Cláudia de Jesus Medeiros Santos¹⁰
1992 - 2026

Custa-me pensar que já passaram tantos anos desde que entrei na Universidade dos Açores, num curso que todos os anos era dos mais gozados nos desfiles académicos. Dos outros cursos ecoava o refrão repetido: “*História para o desemprego! História para o desemprego!*”, mas esses gritos eram afogados na alegria de desfilar pela cidade, trajados de azul, a nossa cor do curso, sem que o futuro nos pesasse verdadeiramente nos ombros. Na altura, sobreviver à semana académica era a única preocupação, depois, vinham as frequências, dispensados com a nota mínima de 12 valores. Sim, 12! Eu sei, parece um mito urbano, mas era a partir de 11,5 valores que se respirava de alívio. Essa, sim, era a ameaça mais imediata - muito mais concreta do que qualquer incerteza profissional que pudesse advir.

Foram quatro anos de partilha intensa e descoberta. Entre aulas, debates e longas conversas nos corredores, crescia-se intelectualmente e, sem dar por isso, também humanamente. Foram também anos de aperfeiçoamento dos jogos à “sueca” ou de matraquilhos em todos os intervalos.

¹⁰ Licenciatura em História Científica - 1992-1996; Mestrado em História Insular e Atlântica - 1996-2000; Cursos de Especialização em Ciências Documentais - 2001-2003; Assistente convidada na Pós-graduação em Ciências Documentais e da Informação - 2006-2007; Assistente convidada no curso de história – 2025-2026

No final da licenciatura, senti que ainda não era tempo de partir. Permanecer parecia natural. Queria aprofundar conhecimentos, sonhava com uma carreira universitária e ingressei no mestrado. Seguiram-se mais quatro anos de estudo e investigação.

A Universidade dos Açores tornara-se, entretanto, uma segunda casa - uma família alargada. Recordo um corpo docente de enorme qualidade científica, mas, sobretudo, de grande generosidade intelectual. Havia exigência, mas havia também reconhecimento, incentivo e confiança. Cresci muito nesse período. Conheci pessoas que ainda hoje admiro e amizades que o tempo apenas consolidou.

Quase sem intervalo, iniciei uma especialização em Ciências da Informação e Documentação, área que viria a tornar-se a minha profissão. Não segui a carreira académica com que, em tempos, sonhei. A vida tem os seus próprios caminhos e, por vezes, melhores planos do que os planos que sonhámos. Encontrei uma realização plena na atividade profissional que desempenho, e sei que a formação sólida que recebi foi determinante para isso.

Fui formada numa universidade jovem, pequena quando comparada com tantas outras instituições nacionais, mas absolutamente fundamental para o nosso arquipélago. Uma universidade que, na década de 90, acalentava projetos que pareciam sonhos distantes e que hoje apresenta uma oferta formativa ampla, diversificada, com estruturas físicas que nos fariam saltar de entusiasmo como a Biblioteca, espaços que simbolizam crescimento, maturidade e compromisso com o conhecimento.

Sim, passaram-se décadas desde que pisei pela primeira vez o campus universitário. Já não sei de cor a teoria de Marc Bloch, nem folheio os volumes densos de José Mattoso, mas devo a esta Universidade grande parte do que sou, enquanto profissional e cidadã. Devo-lhe o rigor intelectual, o espírito crítico e, talvez o mais precioso de tudo, um grupo de amigos que a vida guardou.

Em duas ocasiões distintas, tive ainda a oportunidade de percorrer os corredores da universidade, desta vez, não como aluna, mas como

assistente convidada. Foi uma experiência singular - reencontrar salas, corredores e rostos conhecidos, agora com outra perspectiva, partilhando conhecimento e aprendendo com alunos e colegas que tinham sido meus professores. Esses momentos reforçaram em mim o sentimento de pertença e a gratidão por ter crescido nesta instituição.

Parabéns à Universidade dos Açores pelos seus 50 anos de existência! Que continue a iluminar mentes, a inspirar paixões e a formar cidadãos comprometidos com o conhecimento e com a sociedade. Que os próximos cinquenta anos - e todos os que virão - sejam de descobertas, partilha e crescimento, para todos os que cruzarem o caminho desta casa de saber.

Sicut Aurora Scientia Lucet.



A 8 de maio de 1993, os cursos de História Científica, História e Ciências Sociais e História e Filosofia conquistaram o 1.º lugar no desfile académico com o tema “A Revolução Francesa”. No final, sentados no jardim da Universidade dos Açores, celebravam a vitória - sem troféus ou medalhas - mas com a alegria genuína do reconhecimento e da cumplicidade partilhada.



50 anos da UAc

Pedro Daniel Melo Leite
1994 - 2026

Comemorar os 50 anos da Universidade dos Açores (UAc) é uma enorme satisfação que extravasa a efeméride institucional. Esta celebração convida-nos a relembrar o passado e a olhar para o futuro.

Se recuarmos ao ano de 1976, percebemos que a criação da UAc (inicialmente Instituto Universitário dos Açores) foi uma das iniciativas mais audazes no processo de consolidação da nossa autonomia regional, permitindo a formação de profissionais qualificados capazes de valorizar a especificidade das nossas nove ilhas e de potenciar o desenvolvimento do arquipélago.

O futuro é desafiante, nomeadamente na sustentabilidade financeira, na criação de oferta educativa ajustada às exigências do mercado, na captação de alunos dos Açores e de outras geografias, bem como na colaboração profícua com o setor empresarial. É fundamental que a UAc continue a ser um dos pilares da nossa autonomia, a referência do sistema científico e tecnológico da Região e o catalisador de investigação e desenvolvimento dos Açores.

No ano de 1994 fui admitido no curso de Matemática/Informática da Universidade dos Açores. Iniciei esta nova etapa da minha formação académica com entusiasmo e com a firme convicção de que a nossa universidade tinha sido a escolha acertada para aprofundar os meus conhecimentos em matemática e, em especial, na área tecnológica.

As salas de aula, o centro de informática e a biblioteca faziam parte do meu quotidiano. A internet ainda dava passos tímidos e os motores de pesquisa não substituíam a leitura e a paixão pelos livros. A biblioteca era um local onde o silêncio, a curiosidade e o conhecimento estavam intimamente ligados, contribuindo para a formação de sucessivas gerações.

Recordo com emoção os docentes, que diariamente me incentivavam a crescer a nível académico e pessoal, os colegas com os quais partilhava a caminhada académica e os funcionários que estavam sempre disponíveis para nos apoiar.

Considero que todas as disciplinas foram importantes durante o curso. Lembro-me, em particular, da implementação de um projeto pioneiro na área da criptografia, em que a turma foi dividida em três grupos: um gerava números primos de grandes dimensões para a criação das chaves de encriptação; outro encriptava a informação; e um terceiro tentava decifrá-la. A apresentação foi efetuada num dos anfiteatros da UAc e teve uma grande afluência da comunidade académica e da sociedade.

Relembro também a elaboração da minha monografia, em que desenvolvi um projeto multimédia sobre as Lendas dos Açores. Fui incentivado pela minha orientadora a participar com o trabalho no concurso regional “Dicas e Inventos”, tendo conquistado um honroso primeiro lugar. Estas e muitas outras memórias de projetos apaixonantes dariam para escrever um livro, que seria, sem dúvida, enriquecido pelo espírito académico da Bênção das Pastas, da Queima das Fitas, dos desfiles académicos e das atuações das tunas.

A minha licenciatura foi muito mais do que um diploma. Foi uma experiência enriquecedora de aprendizagem, otimizando a análise e resolução de diversos desafios. Foi na UAc que adquiri o rigor metodológico e a base teórica e prática que me permitiram enfrentar profissionalmente os desafios exigentes e em constante evolução da área tecnológica.

Um dos momentos marcantes na minha vida foi a transição de aluno para assistente convidado, reforçando a responsabilidade de manter viva a chama do conhecimento. Lecionei na Universidade dos Açores de 2002 a 2006. A partir de 2022, iniciei a lecionação na Escola Superior de Tecnologias e Administração (ESTA), no curso de Desenvolvimento de Aplicações Web (DAW) e integro a bolsa de mentores da InUAc desde 2021. A lecionação tem sido um desafio constante, porque cada geração tem perspetivas

diferentes sobre a tecnologia e o mercado de trabalho. Trazer a experiência da área tecnológica do setor empresarial para o campus é uma missão que assumo com entusiasmo.

Atualmente, a universidade, especialmente numa região ultraperiférica, deve contar com a proximidade entre a academia e o tecido empresarial. Quando entro na sala de aula, levo os desafios reais do setor, as tendências de inovação e a motivação de preparar os alunos para o mercado de trabalho global altamente exigente. É uma grande satisfação ver o entusiasmo de um aluno quando apreende um conceito complexo. É igualmente gratificante acompanhar o sucesso profissional dos meus antigos alunos.

Nestes 50 anos, a evolução tecnológica transformou os Açores e a Universidade foi o motor desse progresso. Se outrora o mar nos isolava, hoje a tecnologia liga-nos ao mundo, reforçando a centralidade dos Açores. Reconheço na UAc a capacidade para a criação de talento na Região, garantindo que os Açores não são apenas consumidores de tecnologia, mas também criadores de soluções.

Felicito a iniciativa deste livro digital comemorativo e transmito os meus parabéns à Universidade dos Açores. Desejo que estes 50 anos sejam apenas o prefácio de uma longa história, onde a UAc continue a ser o farol que, a partir dos seus três polos, ilumina as nossas nove ilhas, demonstrando que, no conhecimento, como no mar, não existem fronteiras intransponíveis.



“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem.” - Fernando Pessoa

**Cidália Garcia¹¹
1995 - 2000**

Há trinta anos, iniciei uma das etapas mais marcantes da minha vida na Universidade dos Açores, onde ingressei no curso de Português e Francês - (ensino de). Entrei cheia de sonhos e de entusiasmo, movida pela paixão pelas línguas e pela certeza de que queria ser professora. Foram anos de crescimento, de descoberta e de construção da minha identidade, tanto académica como pessoal.

A universidade foi um espaço de aprendizagem intensa, mas, acima de tudo, de relações humanas profundas. A Cesaltina Vieira e a Joana Melo já faziam parte da minha história desde o Ensino Secundário, reencontrá-las ali foi dar continuidade a uma amizade que o tempo apenas fortaleceu. Partilhámos aulas, trabalhos, angústias antes dos exames e muitos momentos de alegria. A Aida Amaral de Santa Maria e a Ana Braga da Terceira juntaram-se a nós nesse percurso universitário, e juntas construímos uma cumplicidade feita de apoio, partilha e risos que ainda hoje ecoam na memória.

Guardo com especial carinho a experiência de integrar um grupo de teatro em Francês com a professora Monique Jaffredou. O palco era um espaço de magia e liberdade.

¹¹ Professora de Português e Francês, Pós-graduada em Educação Especial, Mestranda em Educação Inclusiva

Ensaiai, representar, sentir as palavras ganharem vida noutra língua foi uma das vivências mais intensas desse período. O teatro na Universidade ajudou-me a crescer, a ganhar confiança, a experimentar a língua de forma viva e sentida.

E foi também nesse ambiente de juventude e sonho que conheci aquele que viria a ser o meu marido. Ele estudava Enfermagem, e começámos a namorar no jardim da Universidade. Lembro-me das tardes tranquilas, das conversas demoradas, dos planos feitos com a esperança simples e luminosa de quem acredita no futuro. Aquele jardim guarda em mim, o início de uma história que atravessou o tempo e se transformou em vida partilhada.

No ano seguinte à conclusão do curso, não tive colocação. Foi um momento de incerteza e de grande preocupação, todavia uma oportunidade inesperada surgiu a possibilidade de trabalhar na Biblioteca da Universidade, precisamente no ano em que se davam as mudanças para o edifício novo. Aceitei o desafio e foi uma das experiências mais enriquecedoras que poderia ter vivido. Encontrei uma equipa maravilhosa, pessoas dedicadas, generosas e profundamente humanas. Fui acolhida com uma simplicidade e um carinho que me fizeram sentir em casa desde o primeiro dia. Recordo esse tempo com enorme gratidão: o entusiasmo das mudanças, a organização do novo espaço, o espírito de colaboração. Sentia que fazia parte de algo importante, que contribuía para um projeto coletivo.

A Diretora, Dr.^a Maria João Mocho, foi uma das melhores pessoas que conheci nesse percurso. Pela sua liderança serena, pela humanidade no trato, pelo respeito e confiança que transmitia, deixou em mim uma marca profunda. Foi um exemplo de profissionalismo aliado a uma rara sensibilidade humana. A Laudalina Medeiros, minha amiga desde essa altura, corajosa, leal e guerreira. Estas amizades, fizeram-me pensar que cada minuto estando com elas é para mim um momento de gratidão, pois estas pessoas são únicas. Cada conversa sincera, cada riso partilhado e cada gesto de apoio fazem de mim a pessoa que sou hoje.

Quando hoje me lembro dessas memórias, sinto uma ternura imensa. A Universidade dos Açores foi muito mais do que um espaço de forma-

ção acadêmica, foi o lugar onde eu construí amizades duradouras, onde vivi o entusiasmo do teatro, onde encontrei o amor e onde, mesmo num momento de incerteza, descobri uma equipa e uma liderança que me fizeram crescer. Foram anos luminosos, cheios de significado, que continuam a viver em mim com gratidão e uma saudade serena.

U - UNIR

A - ACOLHER

C - COM CARINHO



Memento

Fátima Viveiros (Mifá)

Desde 1996

A lançadeira inexorável do tempo fez o seu trabalho urdindo, em três décadas, a talagarça da minha história com a Universidade dos Açores. *Alma-Mater*. Sempre.

Irrompi os portões da universidade sonhando tornar o mundo um lugar melhor, com a ingenuidade de quase menina que almeja tocar o firmamento com a ponta dos dedos.

Na retina da memória, os primeiros passos tímidos, à descoberta esfuizante dos saberes velados na biologia, na geologia ou na didática, que de mim fazem parte como quem traz em si sedimentadas todas as idades das pedras. O rio trilha, paulatino, o seu percurso entre faculdades de esperança e rochas de memória. Isto é a vida.

Na ardósia da existência gizei nos vulcões o manto da teoria e da prática em busca de um sentido. Desvendar mistérios que a superfície esconde, pode mudar e salvar vidas.

Já professora, o desafio aumentou pela responsabilidade de acender a chama da curiosidade e do conhecimento. Revejo, em cada rosto que entra na sala, com os olhos no porvir, aquela menina que em 1996 cruzou os portões desta casa pela primeira vez. Como o sonho comanda a vida, a universidade das ilhas de bruma tem-me permitido sonhar de olhos abertos, realizando em cada momento o desejo inicial de melhorar o mundo.

A Universidade dos Açores permite-me aquele abraço silencioso que me envolve inteira, e da janela da minha alma, mesmo antevendo tempestade a ameaçar os céus, o arco-íris rasga novos caleidoscópios “como bola colorida entre as mãos de uma criança”.

Termino, em adaptação livre, da música dedicada à nossa cidade de Ponta Delgada, “Longe de ti não sei viver, minha sábia universidade...”.



Quem Sou?

**José Noronha Rodrigues
Desde 1999**

Afinal, quem sou?
Sou um nicho de verdade e de mentira.
Sou a dicotomia de duas personalidades:
a verdadeira, escondida,
que compete a ti descobrir;
e a falsa, representada,
que cabe a ti destruir.
Sou um ser,
como todos os seres.
Tenho virtudes, defeitos, carências, necessidades,
pensamentos e sonhos desfeitos.
Enfim, tenho amigos, amizades, utopias idealizadas e,
sobretudo, tenho-te a ti.
Ainda queres saber quem sou?
Sou aquilo que tu pensas de mim.



A Biblioteca da nossa Universidade

Délia Maria Silva Melo Leite¹²
2000 - 2002

Em tempos antigos, as bibliotecas eram consideradas lugares sagrados. Eram dirigidas por sacerdotes e anexas aos templos, como acontecia nas civilizações egípcia, assíria ou babilónica. Também os Livros Santos dos hebreus, como a Bíblia, eram guardados com semelhante reverência.

Hoje, porém, o conceito de biblioteca transformou-se profundamente. Dispõe-se de novos meios para conservar e proteger o património escrito, tornando-o acessível à consulta, salvo no caso de espécies raras que exigem cuidados especiais.

A criação da Universidade dos Açores e da sua biblioteca representou uma oportunidade de enorme valor para toda a comunidade académica e para a Região. O vasto espólio reunido permite estudar, investigar e descobrir um conjunto ímpar de saberes.

Enquanto Professora e Animadora Pedagógica convidada pela Secretaria da Educação e Cultura, encontrei na biblioteca da nossa Universidade um espaço essencial para pesquisar temas relevantes para o ensino. Com o apoio de diversos docentes, pude aprofundar matérias que depois partilhei com colegas, incluindo aspetos culturais da nossa região, como o cultivo

¹² Professora Aposentada

do ananás. Este trabalho foi acompanhado pelo Professor Doutor Francisco Ponte Tavares.

Mais tarde, já integrada na Universidade dos Açores para frequentar os Complementos de Formação Científico-Pedagógica destinados aos professores do 1.º ciclo, voltei a recorrer intensamente à biblioteca. Aí aprofundei conhecimentos, encontrei suporte para projetos académicos e consolidei competências fundamentais para o meu percurso profissional.

A biblioteca é, por natureza, um espaço tranquilo, que estimula o conhecimento, a criatividade e o encontro com novas ideias. Mas é também muito mais do que um repositório de livros.

Entre os recursos que disponibiliza destacam-se um vasto conjunto de obras literárias, técnicas e científicas, bem como enciclopédias, dicionários e importantes coleções históricas. Conta ainda com recursos digitais atualizados, salas de estudo e de trabalho, atividades culturais e programas de dinamização, apoio académico a estudantes e investigadores e apoio à comunidade através de exposições, encontros com autores e outras iniciativas de carácter social e cultural.

Da minha experiência e do que aqui fica registado, conclui-se que a biblioteca é um verdadeiro refúgio, um lugar onde se lê por prazer, se descobrem novas áreas de interesse e se abrem caminhos a múltiplas formas de conhecimento. Uma biblioteca é sempre mais do que livros, é um espaço vivo, inspirador e profundamente transformador.



Foram anos difíceis

Luiz Nilton Corrêa¹³
2001 - 2005

Cheguei aos Açores em 23 de setembro de 2001, sem muitos amigos nem dinheiro. Em meio às convulsões do “11 de setembro”, eu estava mais preocupado com os dias seguintes, com o mundo novo que se abria à minha frente, sem perspectivas e sem projetos. Foram anos difíceis.

Ainda lembro do voo que me levou de Lisboa a Ponta Delgada: dificuldades no aeroporto, seguranças armados, voo lotado e, ao meu lado, um grupo de timorenses na companhia do saudoso Professor Octávio Medeiros

¹³ Doutor em Antropologia pela Universidade de Salamanca, com DEA em Antropologia na mesma universidade. Mestrado em História Insular e Atlântica, especialização em Patrimônio, Museologia e Desenvolvimento e Licenciatura em História pela Universidade dos Açores, além do bacharelado em Museologia pela Uniasselvi.

Coordenador do programa de Pós-Doutorado do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Professor convidado do Doutorado em Antropologia da Universidade de Salamanca e do Mestrado em História Insular e Atlântica da Universidade dos Açores.

Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Sociedade Ibero-Americana de Antropologia Aplicada. Foi Presidente do Conselho Estadual de Cultura de Santa Catarina (2023-2025), é membro emérito da Associação de Catarinense de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais.

Coordenou o Congresso Internacional dos 270 Anos da Presença Açoriana em Santa Catarina (Florianópolis 2018), o XXIV Congresso Internacional de Antropologia de Ibero-América (Ponta Delgada 2019), o Congresso Internacional dos 400 Anos da Presença Açoriana no Maranhão (São Luís 2019), II Congresso Internacional Judaísmo e Interculturalidade (Penamacor 2023), o XXVII Congresso Internacional de Antropologia Iberoamericana (Leiria 2023) e o XXVIII Congresso Internacional de antropologia Iberoamericana (Salto Veloso – Brasil, 2024).

que, mais tarde, viria a ser meu professor. Os timorenses também seriam meus futuros colegas de curso. Toda dificuldade não era nada diante do que eles já haviam sofrido.

Cheguei sem bolsas, sem emprego, sem muitas perspectivas, com dinheiro contado para apenas trinta dias, e apenas com a ajuda de pessoas que havia conhecido poucos meses antes. Novos amigos da freguesia da Relva me ajudaram com moradia nos primeiros dias e com um emprego como mandarete no Hotel Avenida. Meses depois, passei a recepcionista, noturno, o que me ajudou a participar das aulas durante todo o dia.

No trabalho, fiz bons amigos, pessoas que me ajudavam de todas as formas. Mas ainda lembro de quando tinha de esperar por alguma gorjeta para comprar comida: foram poucas vezes, mas lembro-me delas. Em alguns meses, já fazia parte da “família” e, ao menos, comida não me faltava.

No Grupo Folclórico Cantares e Bailados da Relva, fiz digressões, conheci outras freguesias e o folclore que move os Açores. Os bailos, o vinho de cheiro, as malassadas, o Espírito Santo dos Açores. As festas de Santo Cristo, as limas no Carnaval e tantas outras tradições e costumes típicos dos Açores.

Foi na Universidade dos Açores que passei a maior parte dos meus sete anos de insularidade. Fui para ficar um ano, para frequentar o curso de história dos Açores, vindo de Santa Catarina, onde quase tudo cheira a arquipélago. E, durante sete anos, fiz da Universidade a minha casa, o meu abrigo, a fonte que me alimentou de conhecimentos, sabedoria e amigos. Onde aprendi não só as conjunturas que formaram Portugal e o Atlântico, mas também como me comportar diante de professores, a conviver em amizade, a respeitar e ser respeitado, onde me tornei acadêmico, homem e pesquisador.

O meu primeiro ano passou muito rápido, muitas vezes, cochilando em sala de aula quando a noite de trabalho pesava mais, mas nunca deixei de me esforçar e ter boas notas. Eram poucos os colegas que sabiam de meu trabalho extra, e muitos professores até achavam que eu recebia alguma bolsa de estudo.

Depois do primeiro ano, veio o segundo, o terceiro; me formei em História em 2005 e logo ingressei no mestrado em História Insular e Atlântica, e foram mais dois anos. Depois deixei os Açores para novos horizontes em Salamanca, seguindo os trilhos de Gaspar Frutuoso, em meu doutoramento em Antropologia.

Foram anos difíceis, mas jamais imaginei que um dia poderia vir a ser professor convidado da Universidade onde me formei, poder dar aulas e me espelhar naqueles que tanto me ensinaram, e que ainda hoje admiro profundamente.

Aqueles anos não foram fáceis, muitas vezes, só conseguia pensar em como pagar as propinas ou a renda do mês seguinte. Meus planos eram quase sempre sobre como me manter no próximo dia, na próxima semana, no próximo mês.

Ainda me lembro do gosto da comida da cantina, do café e da sanduíche que comia nos intervalos. Das horas na Biblioteca da Universidade, dos serviços acadêmicos. Não me lembro de uma única vez que não fui recebido com um sorriso.

Foram anos difíceis, mas foram os melhores anos de minha vida, aqueles que me fazem parar para pensar e sentir saudades, aqueles aos quais daria tudo para repetir, cada dia, cada hora.



UAc - Minhas Memórias

Márcio Silva
Desde 2005

Parabéns, Universidade dos Açores.

Celebrar 50 anos de história é recordar e festejar meio século de dedicação, inovação e transformação, com foco e em benefício do processo de ensino e aprendizagem. É um marco histórico que a nossa Instituição alcança, cinco décadas de uma imaculada e singular história. É com grande orgulho que compartilho meu testemunho nesta data tão especial.

A UAc é a nossa segunda casa, é a minha segunda casa. Cheguei ao Polo de Angra do Heroísmo em março de 2015, mas a minha ligação a esta ilustre instituição começa em 2005, ainda na Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo, ou simplesmente ESEnfAH, acrónimo tão especial. Saudades da minha ESEnfAH.

Agora a Universidade dos Açores é a minha UAc, que defendo com todas as minhas forças e tenho um orgulho enorme de fazer parte da equipa de funcionários desta célebre instituição. Ser funcionário da UAc é especial, é gratificante, é fazer parte de um processo colaborativo, é cooperar com toda a comunidade académica.

A UAc permitiu-me crescer e desenvolver as minhas competências, sendo impactante e preponderante na minha formação profissional e carreira, oferecendo condições para atingir os meus objetivos e metas pessoais

e profissionais. Tal como a UAc, a evolução e o conhecimento fazem parte do meu dia-a-dia.

A UAc proporciona desafios, projetos e conquistas, recordações, momentos significativos e amizades, é assim que encaro o espírito da minha Instituição, vestindo a camisola com brio, determinação e felicidade.

Sempre desejando e projetando o melhor possível para a Universidade dos Açores, com otimismo e esperança por um futuro inspirador, e por uma instituição capaz de superar todos os desafios e dificuldades, e capaz de proporcionar a toda a comunidade académica ainda mais e melhores momentos especiais e inesquecíveis.

Juntos, continuaremos a construir e a fazer história.

Termino com uma quadra de minha autoria.

São os nossos nove Amores
Arquipélago poético e sonhador
Parabéns, Universidade dos Açores
Vulcão de Saber, Orgulho e Valor

À Universidade dos Açores desejo toda a felicidade do mundo.



UAc - as minhas memórias

Antonio Machado
2012 - 2017

Devo dizer que me senti desafiado a partilhar algumas das minhas memórias depois de me deparar com uma fotografia na página da UAc, alusiva a celebrações em que eu próprio aparecia, durante uma das várias tomadas de posse da AAUA. Mas recuemos um pouco no tempo.

O meu primeiro contacto direto com a Universidade dos Açores aconteceu perto do final do ensino secundário, quando recebi um panfleto sobre a oferta formativa dirigida aos alunos do Curso de Línguas e Humanidades. Foi então que um curso, em particular, despertou o meu interesse, mal imaginava eu que seria apenas a porta de entrada para outras aventuras académicas.

Cheguei à UAc numa época em que o processo de candidatura ainda era, em grande parte, feito em papel. Sendo jorgense, tive a sorte de ser acolhido por conterrâneos que me orientaram da melhor forma possível, e também por outros colegas que, tal como eu, se encontravam “às aranhas”. Tudo era novo: o movimento, o barulho, a intensidade de viver numa verdadeira cidade como Ponta Delgada, longe do meu lar na recatada ilha de São Jorge. Viver com outros colegas universitários foi, em si, uma aprendizagem, uma escola de vida que nos fez crescer mutuamente, refletindo a independência que experienciava pela primeira vez.

Foi também nesta “mui nobre casa”, a UAc, que vivi muitos e bons momentos, e outros menos bons, tanto na vertente pessoal como académica e associativa. Levo comigo amizades para a vida, colegas que se tornaram verdadeiros “irmãos”, e recordo com carinho o envolvimento na Associação

Académica, onde percebemos o quanto é possível fazer pelos outros.

Passei por momentos desafiantes, nomeadamente durante a composição do grupo de gestão da Associação Académica da Universidade dos Açores, numa altura em que esta enfrentava uma grave crise financeira. Juntamente com muitos outros estudantes corajosos, encarámos de forma firme essa situação, conseguindo resguardar parte do património que se encontrava em risco de penhora.

Na AAUA, dediquei-me de corpo e alma à Coordenação Pedagógica. Existiram divergências com a Reitoria da época e promovemos diversas ações de contestação contra medidas que considerávamos prejudiciais aos estudantes. Destaco a Assembleia Geral de Alunos permanente, organizada pelo grupo de gestão, que incluiu uma ação algo caricata: uma pernoita nas instalações da UAc, mesmo sob ameaça de processo disciplinar. A verdade é que conseguimos que a Reitoria recuasse em várias medidas, e ficou o ensinamento de que vale sempre a pena lutar quando a causa é justa e genuína.

Tive também a honra de representar os estudantes do então Departamento de Ciências Sociais e Humanas e de ser um dos membros fundadores do NEHPUA – Núcleo de Estudantes de História e Património da Universidade dos Açores, como Presidente da Mesa do Plenário. Esse processo orgulha-me particularmente, e foi com grande honra que recebi o título de sócio honorário do núcleo.

Falar da UAc sem mencionar a vertente recreativa e cultural da vida académica seria injusto. Foram inúmeras as Semanas Académicas, sobretudo nas primeiras edições, marcadas por dificuldades financeiras, mas também por um espírito de voluntariado notável por parte da AAUA e de muitos outros estudantes. Foram momentos cansativos, é certo, mas de uma satisfação imensurável.

Recordo igualmente as participações nas Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres, na aparentemente interminável procissão em que tanto nos orgulhámos de participar, com espaço próprio nos armazéns da Melo Abreu; as celebrações de São Pedro, no Relvão; os desfiles académicos, as festas no recinto universitário e todas as cerimónias ligadas à Queima das

Fitas, Bênção das Pastas e à tão acarinhada Serenata frente à Câmara Municipal de Ponta Delgada. Momentos que justificavam plenamente o orgulho com que vestíamos o nosso bonito e inigualável traje académico.

Para terminar, e evocando a célebre letra da canção *“Cidade Ponta Delgada”* da tuna académica Tunídeos, vivi muitos amores, desilusões e alegrias durante o meu percurso académico – enfim, vivi intensamente. E sou testemunha de que a vida académica é, sem dúvida, o período mais intenso das nossas vidas, que guardo com uma saudade imensa. Orgulhosamente direi sempre que passei pela UAc, e sei que jamais conseguirei retribuir tudo o que ela me deu.

É impossível condensar em poucas palavras o que significa ser e estar na UAc. Ainda assim, deixo estas memórias, sinceras e sentidas.

A ti, UAc, digo: até um dia e nunca adeus!



António Machado
Património Cultural (2012-2014)
História (2014-2017)
Dirigente da AAUA (2014-2017)
Dirigente fundador do NEHPUA (2017)



UAc - Minhas Memórias

**Marina Melo
2016 - 2019**

Em 2016, com 36 anos e um coração cheio de vontade de mudar, entrei na Universidade dos Açores através do acesso para maiores de 23 anos. Já não era uma jovem recém-saída da escola, mas trazia comigo algo talvez ainda mais valioso: a maturidade da vida, a força de quem já enfrentou batalhas, e uma paixão antiga pela Psicologia que finalmente decidira honrar.

A entrada na UAc foi mais do que um recomeço académico - foi o renascimento de um sonho que esteve guardado durante anos. Entrei com receios, claro. Tinha dúvidas sobre como seria ser “mais velha” entre colegas mais novos, como seria conciliar o estudo com o trabalho, como seria voltar a ser aluna depois de tanto tempo. Mas, desde o primeiro dia, encontrei na UAc o acolhimento de uma verdadeira casa.

Fui uma aluna persistente. Nunca me permiti ficar com dúvidas, e sempre procurei compreender, questionar, aprofundar. Os professores não foram apenas mestres - foram guias, cuidadores do saber e, para mim, verdadeiros exemplos de empatia. Fui recebida por todos com uma abertura que me emocionava. Ali, ensinar Psicologia era mais do que partilhar teorias - era viver a prática do cuidado humano, todos os dias.

Durante os três anos da licenciatura, os meus colegas da turma sentiram, de forma natural, que eu devia ser a representante do curso. Nunca fui atrás desse lugar - ele encontrou-me. E aceitei, com sentido de responsabilidade e muita entrega. Estive no GAPEOS, onde ajudei a dinamizar atividades, a unir pessoas, a dar voz a quem precisava. Mais tarde, presidi ao NEPSISC, o Núcleo de Estudantes de Psicologia, onde abracei causas, enfrentei desafios

e conheci colegas incríveis. Ali, construí amizades que me acompanham até hoje - laços que o tempo e a distância não conseguem quebrar.

Houve muitos dias difíceis. Estudava, trabalhava, cuidava de mim e dos meus. Houve noites em claro, choros escondidos, momentos em que o cansaço quase me venceu. Pensei em desistir mais vezes do que gostaria de admitir. Mas também ri muito - gargalhadas profundas, partilhadas entre livros e cafés, entre exames e apresentações. Rimos da vida, dos nervos, das vitórias pequenas que pareciam enormes.

A UAc tornou-se o meu lar. Mesmo quando, mais tarde, fui para o mestrado noutra instituição, nunca deixei de dizer, com convicção: “A minha universidade é a UAc.” Porque foi ali que me formei, não só enquanto profissional, mas enquanto mulher, colega, cidadã. A UAc moldou-me, fortaleceu-me, inspirou-me.

Chamaram-me “a mãe da Psicologia”. Talvez pela idade, pela forma como acolhi os mais novos, pelos conselhos que dava, pelos abraços nos dias duros. Talvez porque fui colo, fui escuta, fui presença. E confesso: esse título é uma das maiores honras que levo comigo. Porque ser mãe é também cuidar, orientar, amar - e eu amei profundamente o que vivi naquela universidade.

Hoje, olho para trás com o coração cheio. Cada passo, cada esforço, cada lágrima e cada sorriso valeram a pena. Se me perguntarem se faria tudo de novo, respondo sem hesitar: sim, faria. Com os mesmos medos, com as mesmas dores, mas também com a mesma coragem, o mesmo amor, a mesma entrega.

Sou filha da UAc. E serei, sempre.



De Miúdo a Graúdo: a História do Xico Miúdo

Francisco Pimentel
2019 - 2023

Entrei na Universidade dos Açores em 2019 e, após quatro anos de estudo, completei duas licenciaturas: uma em Gestão outra em Economia. Anos duros devido ao Covid-19, mas onde encontrei as maiores alegrias e fizeram de mim o Homem que sou hoje. Um graúdo cheio de sonhos, ambições e muitas conquistas graças à UAc.

A UAc abriu-me horizontes. Entrei como um miúdo rebelde, completamente desfocado da realidade e sem qualquer propósito. Graças à UAc, obtive dois diplomas e tornei-me um Homem de princípios, causas e um trabalhador. Não procurava nada na UAc, mas encontrei uma casa, uma família e diversos projetos que me faziam levantar da cama todos os dias. Não fui um estudante universitário normal. Não saía à noite para ficar em casa a fazer projetos para o dia do amanhã, não faltava às aulas, porque pensava que ia ter um enorme custo de oportunidade e não queria apenas passar às disciplinas, queria aprender. E quem me ensinou a ser assim? A UAc.

Fui diretor pedagógico do NEEG entre 2021 e 2023 e foi graças a esta experiência que comecei a minha carreira associativa. Não sabia o que iria fazer, nem sabia o que iria receber. Tive medo, mas como bom açoriano que sou, não deixei os meus medos controlar a minha vida e enfrentei este novo desafio. Graças ao NEEG tive das melhores experiências e participei em iniciativas que nunca pensei participar. Vi o NEEG mudar e muitas ideias foram para a frente e fizeram com que a UAc fosse cada vez mais uma casa para mim. Nem tudo foi um mar de rosas, muitas tempestades enfrentei no NEEG, mas não pude baixar a guarda. Não pude deixar de lutar pelos meus objetivos e projetos e por mais difícil que as coisas estivessem, não podia desistir. A UAc ensinou-me a nunca desistir por nada nem ninguém.

De seguida, fui responsável pelo Marketing e Comunicação da AAUA e participei na organização da Semana Académica 2023. Novos desafios, mas, desta vez, estava entusiasmado para desenvolver outras competências e sair da minha zona de conforto. Na UAc, não há medos, mas apenas sonhos e um caminho para realizá-los. Participar em iniciativas associativas é o melhor que podemos fazer, pois o impacto que temos na comunidade juvenil é gigantesco e não podemos negar que todas as nossas reuniões, tarefas, conversas e projetos têm o propósito de ver sorrisos na comunidade académica.

Mas não foram só associações, e os colegas e amigos? Apesar do Covid-19 ter impactado muito a forma como a minha turma interagiu, não posso deixar de mencionar as amizades lindas que se formaram e que me ajudaram muito a conseguir concluir os dois ciclos de estudo. Não tinha o hábito de sentar-me na fila da frente, mas comecei a fazê-lo e sentar-me ao pé de pessoas que me aceitaram da forma como sou e que desta aceitação surgiram amizades lindas. Todas as horas de estudo, de trabalho e de apresentação colmataram num pequeno pedaço de papel que definia agora o meu futuro. Esse diploma não é só meu, mas de todos aqueles que me metiam um sorriso no rosto nos tempos de maior escuridão.

Vida académica não foi só aulas. E todos os jantares de curso? Todos os churrascos? A I Gala da FEG? Os torneios de futsal? Os sorteios? As formações? Tudo isso foi o grande extra da minha vida académica. Foi nestes momentos que encontrei as melhores memórias, as melhores risadas, os melhores convívios. Fico feliz por saber que estas tradições de gerações passadas ainda hoje acontecem e por mais diferentes que todos nós sejamos, quando entramos na FEG seremos sempre FEG. A esta faculdade, o meu profundo e eterno agradecimento pelos maravilhosos quatro anos recheados de tantas oportunidades.

Recordarei sempre esta mui nobre casa e direi aos meus filhos que ela me deu as asas de que precisava para voar. E agora, procuro regressar não como aluno, mas como professor e procurar impactar outros alunos e tornar a nossa casa, a casa de todos.



Anos de Universidade, anos de liberdade

Júlio Tavares Oliveira¹⁴
2020 - 2024

Falar da Universidade dos Açores é, sobretudo, conviver, de muito perto e intimamente, com uma realidade, pequena ou grande, que muitos viveram.

Ensina-nos mais do que tudo - num ensino, ele mesmo, de todos e para todos, a Universidade - que é a única e a singular, e a nossa pequena “Universidade dos Açores”, que o conhecimento não é um fim em si mesmo, nem é superlativo ou afirmativo sobre todas as coisas que possamos considerar mais “simples” ou um pouco “menores” na Vida - como uma boa bebedeira numa noite de sexta-feira. O conhecimento é uma arma bastante útil, se tivermos o pé assente na Vida, certo, mas não descarta aspetos mais ou menos dinâmicos de se ser, socialmente, “um estudante”.

Na verdade, o poder do conhecimento, rigoroso, científico, alia-se tão bem ao poder e ao prazer imenso que é *a nossa liberdade*.

A Universidade é de gente livre, com gente livre, para gente livre, que se expande nos meandros do saber, bem como do prazer, ele mesmo, de se libertar de tudo o que nos amedronta e nos diminui - e nos faz pequeninos ao sabor do vento.

Porque a Liberdade não é ter jaulas maiores para o nosso próprio

¹⁴ Licenciatura em Estudos Portugueses e Ingleses

conhecimento - é, de facto, não ter quaisquer jaulas que sejam, coercivas em relação à nossa essência.

O conhecimento, cumulativo e prático, que a Universidade dos Açores me fez perceber, também vale tanto ou quanto o tema polémico, e polemista, das propinas caras ou baratas; vale, tanto, pelas noites perdidas da praxe (que não as fiz) interpoladas, ainda, com discussões sobre o eventual valor da praxe - sempre legítimas e saudáveis; vale mesmo tanto ou quanto as tardes passadas na sua biblioteca, onde, nela, o sorriso da Dr.^a Laudalina Esteireiro nos motiva - e nos incentiva a sermos “mais globais” e “mais “inclusivos”.

Vale (tão bem) pelos amores e pelos desamores inundados de trauma, pelas míseras e pequenas, tão (in)desejadas paixões e pelas grandes, infortunadas, pequenas e grandes desilusões.

Vale tanto, ou quanto, pelas carteiras de cigarros amachucadas, consumidas em catadupa firme e regular, num vício de chamar, de implorar à hipotética calma que venha em socorro de um estado de calamidade absurdo, e exclusivamente belo, antes de um exame de época de recurso.

Agora, para mim, vale tanto como o «espírito académico», propriamente dito, no rolo compressor da imparável impressora da Loja Académica da AAUA - onde a sempre paciente e prestável Sra. Guida, atarefada com manuais pesados para imprimir, em início de semestre, nos louva, misericordiosa e plena, com um sorriso diário, ainda que com quilos e quilos de impressões tombados à sua frente.

Vale, ainda, pelo traje académico, que nos comove nas procissões do Senhor Santo Cristo dos Milagres - e que é singular -, pelos pequenos emblemas divertidos e pelos núcleos estudantis dinâmicos - que são vida e louvor à juventude; vale pelas reuniões magnas de tantos órgãos; vale tanto pelo “nosso” banho de apadrinhamento; sem esquecer que vale muito a pena pelo “nosso” bonito Barzito, onde fomos felizes, entre suaves merendas, fatias de bolo, pães de chouriço, inúmeros cafés e chás; vale, inteiramente, pela dança e pela música, sempre tão misteriosa e bela, da Tuna Académica.

Esse prazer tem tudo a ver com a Universidade, a nossa, “que nunca dorme”, que muitos apenas - e só nela - se reconhecem como verdadeiros, e legítimos, alunos seus, e seus legítimos sucessores e herdeiros; onde muitos «nadam» e marinam os seus três anos de Licenciatura em banho-maria, perfazendo matrículas atrás de matrículas, aliadas a escasso estudo científico e prático - essa também é a Universidade que eu lembro com saudade imensa.

Em bom rigor, falar de amor é chamar a Universidade - como a nossa, dos Açores - pelo nome: por maior que seja aquilo que nos separa, é ainda maior aquilo que nos define no nosso todo, imersivo, percurso de integração e de inclusão em relação a todas as nossas diferenças, em relação ao nosso conhecimento expansível a todas as formas mais ou menos válidas de se ser “Universidade dos Açores”.

O pior da Universidade, na verdade, é que ela um dia acaba.

A Universidade não dura - embora muitos testem esse “limite” ao máximo - para sempre.

É preciso terminar esta passagem com um pouco de ânimo, e esperança, embora seja difícil - porque há algo na Universidade dos Açores, que se acaba, e que não se acaba em nós nunca.

Eu, pessoalmente, só sinto saudades da Universidade quando percebo que me ensinou, mais do que fonética e fonologia, mais do que literariedade e investigação, a ser um ser humano livre e completo, pronto a enfrentar os desafios - imensos - da vida.

A formação é muito superior à académica - é sobretudo pessoal. Não existem percursos iguais; como não há pessoas iguais. Mas a Universidade dos Açores tem algo marcado em todos nós, seus estudantes: a *nossa liberdade*.



UAc - Minhas Memórias

Indira (pseudónimo)
2023 - 2026

Ao crescer, o sentimento de *casa* e de pertença sempre foram muito importantes e moldaram, fortemente, quem eu sou.

Casa, para mim, era sinónimo de abrigo, conforto, era um refúgio do mundo exterior. Pelo menos foi assim durante muitos anos. Cresci com a certeza de que mesmo depois de um dia difícil na escola, eu sempre encontraria consolo ao chegar a casa. Lá era como um lugar mágico, assim que entrava todos os meus problemas do exterior desapareciam e eu era envolvida como por um abraço apertado cheio de aconchego.

Mas nada na vida é para sempre.

Foi durante o meu primeiro ano na universidade que me deparei com um novo tipo de desafio, desafios que nunca tinha enfrentado durante a minha vida monótona de aconchego e segurança.

Pela primeira vez, o mundo lá fora já não era o problema. Então, quando o meu abrigo mágico entrou em chamas, senti-me desamparada. Aos meus olhos o mundo todo estava em chamas, e já não havia para onde correr.

Isso fez com que a minha ideia de *casa* se expandisse.

Percebi que “casa” vai muito para além de um espaço físico. *Casa* é algo que se pode encontrar em vários lugares, de várias formas e maneiras.

Pela primeira vez na minha vida, o exterior tornou-se o meu abrigo. O tempo que passava fora de casa, nas aulas, na biblioteca, no campus, todo ele tornou-se valioso. Era lá que eu consegui esvaziar a mente, respirar mais fundo, e focar-me noutras coisas. E durante esse espaço de tempo, estava tudo bem, todos os problemas desapareciam. *Algo inesperado aconteceu, deixei de passar o tempo contando os segundos para voltar para casa e sim para sair dela. Para regressar para aquele que era o meu novo abrigo.*

Assim, mesmo que no começo a universidade tenha parecido algo intimidante, no fim ela se tornou o meu maior ponto de abrigo durante aquilo que foi o período mais conturbado da minha vida, foi ela que *devolveu a minha paz.*



Universidade: a felicidade que vem da responsabilidade na liberdade

Leena Esteves Pereira¹⁵
2023 - 2026

“Não sei como é que consegues manter essas notas com tudo o que tens passado.” Esta tem sido uma das frases que mais tenho ouvido desde há três anos, quando consegui conquistar a primeira parte de um sonho — a entrada para a universidade. Penso que se nota nesta frase, tantas vezes dita com enorme orgulho pela minha mãe, que estes anos não têm sido os mais fáceis da minha vida, bem pelo contrário.

A vida universitária é vista, principalmente por um estudante deslocado, como um grande desafio. Falo por experiência própria e alheia, por já ter sido tutora de uma conterrânea que iniciou este ano o seu percurso no Ensino Superior e que enfrentava as mesmas dúvidas e os mesmos medos de que eu tinha sentido dois anos antes. Há uma dualidade que nos aflige — por um lado, ansiamos pela liberdade, pela independência, pelas novas experiências que teremos longe de casa; por outro, receamos as responsabilidades, as dificuldades, a solidão. E receamos ainda as coisas por que ansiamos, pelo que surge, assim, uma série de dúvidas - Será que vou saber tratar de mim e das minhas próprias coisas? Serei capaz de viver numa casa nova com pessoas que não conheço? E como serão as aulas, a praxe, as festas?

¹⁵ 3.º ano da Licenciatura em Estudos Portugueses e Ingleses

Na verdade, o que antecede a entrada na universidade é uma avalanche de questionamentos. Por vezes, para nos tranquilizarmos, procuramos resposta a essas inquietações junto dos que já estão ou estiveram nessa situação. Mas a verdade é que só vamos saber realmente como será quando passarmos por isso, até porque cada experiência é única e individual. E eu que o diga!

Penso que a minha experiência na Universidade dos Açores, até agora, pode ser descrita pela palavra “inesperado”, desde o princípio até ao momento presente. A própria entrada para o Ensino Superior surpreendeu-me, não por ter entrado num curso que não era o que pretendia, já que sempre quis frequentar este curso e foi a minha primeira opção, mas por ter tido a nota de entrada mais alta da UAc naquele ano. No momento, nem me interessei muito quando soube, pois apenas queria saber se tinha conseguido ficar na universidade que queria, mas reconheço que é um motivo de orgulho.

A partir de então, esta tem-se revelado uma experiência extraordinária. A nível académico, tenho conseguido obter bons resultados nas avaliações e reconhecimento pelo meu esforço, nomeadamente, por me ter tornado bolsista de mérito da Fundação Calouste Gulbenkian e por ter recebido a Bolsa de Estudo por Mérito da DGES no ano letivo 2023/2024. Tenho tido outras boas experiências, como o desempenho de funções no Núcleo de Estudantes do meu curso e a praxe, que me têm permitido criar laços com pessoas que já levo e vou continuar a levar para além da universidade.

Mas, muitas vezes, os acontecimentos da vida pessoal ficam esquecidos ao falar dos resultados académicos, quando, na verdade, estes influenciam-se mutuamente. Penso que ainda se fala pouco da ansiedade e da pressão sentidas pelos estudantes e de como estas influenciam o nosso desempenho. No meu caso, o percurso universitário tem decorrido em simultâneo com diversos obstáculos na minha vida pessoal — a adaptação a uma nova rotina, a convivência (por vezes difícil) com diferentes colegas de casa, a distância e as saudades da família e daqueles de que mais gosto, os sobressaltos que foram acontecendo na vida amorosa e até um acidente de viação. Mas, no meio de tudo isto, houve algo que se manteve constante — a família, que, para mim, não é apenas a de sangue, mas também aqueles

que escolhem estar ao nosso lado e que nós também escolhemos para lá estarem e nos acompanharem nos momentos de sucesso e, especialmente, nos mais difíceis. Sou muito grata a todas as pessoas que a universidade me deu e continua a dar, tanto através do curso, como da praxe, por exemplo.

E, assim, volto à frase da minha mãe, ao “Não sei como é que consegues manter essas notas com tudo o que tens passado.” Realmente, por vezes não sei como consigo fazer tudo isto. Muitas vezes estou a estudar com a perna a balançar de ansiedade, com as lágrimas a correr pelo medo de falhar, com a matéria em atraso, com a cabeça cheia e, ao mesmo tempo, vazia. Não posso mentir: muitas vezes sinto a pressão, apesar de poder ser eu própria a criá-la para mim mesma, ainda que sem querer ou inconscientemente. Quando estudo, quando chega o momento de receber mais uma frequência, quando me perguntam se ainda não estou satisfeita com a nota, é a pressão que ponho em mim mesma que lá está e que, por vezes, quer falar mais alto. Mas, no fundo, só quero dar sempre o meu melhor e saber que fiz tudo o que pude e devia fazer.

Tem sido assim o meu percurso nesta Universidade que já se vem tornando casa. Apesar das dificuldades, sinto uma enorme gratidão e espero que os próximos anos continuem a ser tão bons quanto estes têm sido — repletos de desafios e surpresas!



Memórias do Ainda-Não

**Diana Travado Amaral
Desde 2025**

Há memórias que se herdaram antes de se viverem. Sementes guardadas que ainda não conhecem a terra...

Cheguei à universidade como quem entra numa casa onde 50 anos já dormiram, acordaram, sonharam: 50 invernos de chuva, 50 primaveras de ciência a florescer nos laboratórios como musgo teimoso em pedra basáltica. 50 anos de vozes que ecoaram nos corredores, de perguntas que ficaram suspensas no ar como nevoeiro açoriano, aquele que não esconde, mas revela devagar. Meio século de conhecimento, crescimento, transformação.

Não estava cá quando as primeiras aulas encheram salas de expectativas. Não vi os rostos pioneiros quando tudo era inaugural e o futuro cabia numa aula. Mas sinto o peso luminoso desses anos como quem sente o calor de um sol que ainda não nasceu, mas promete o dia, aquecendo a linha do horizonte com dedos de ouro e âmbar. Por enquanto, as minhas memórias desta universidade são de antecipação. Feitas do mar que atravessassei: Atlântico que não separa, mas costura o país com linha de espuma. De viagens prévias, quando os Açores me ensinaram que o mundo se pode medir em vulcões adormecidos, lagoas onde o céu submerge e horizontes que se multiplicam como promessas.

Os colaboradores desta casa têm mãos que constroem pontes, olhos que veem mais longe que o presente. Eu, recém-chegada, com malas cheias de sonhos e mãos prontas para se encherem de trabalho, fui recebida como se o meu nome já estivesse nas pedras negras que guardam fogo antigo. Como se o futuro me reconhecesse. 50 anos olham para mim como anciãos benevolentes, cheios de histórias que não conheço, mas se refletem luminosas nas paredes. Olho para os próximos 50 como quem mira um caminho que se perde no horizonte, que chama, convida, promete. Entre eles, este momento raro e precioso: o instante em que tudo é possível porque ainda não aconteceu e tudo já existe porque o estou a começar a viver. Sinto-me ponte entre dois tempos: herdeira da sabedoria acumulada e voz que se acrescenta ao coro.

Aqui, neste arquipélago onde o Atlântico ensina paciência e imensidão, onde as ilhas são lições de persistência, aprendo que sou tempo. Não um momento, mas duração. Tempo de criar, errar, descobrir, fazer perguntas que não têm resposta imediata. Tempo de cultivar a ciência como jardins: com rigor, mas também amor, com método, mas intuição. Serei, ao mesmo tempo, raiz que se aprofunda e ramo que não sabe até onde chegará. E não estarei sozinha: estarei na companhia das décadas que me precedem, de todos os que deixaram parte de si nas salas, nos quadros, nos silêncios da biblioteca. Dizem que uma universidade guarda-livros, conhecimento. Eu digo que guarda futuros. Guarda-os como se guardam tesouros em cofres de vidro: prometidos, pulsantes. Nos próximos anos, habitarei estas salas onde a luz entra em ângulos de descoberta. Aqui cumprir-se-ão sonhos que mal sei nomear, vagos como o nevoeiro da manhã. Encontrarei o sol que os tornará nítidos; aspirações de ciência e exatidão, e espanto, porque o verdadeiro saber não é só método, é deslumbramento organizado. Aqui a ciência será verbo, ação, pensamento a voar mais alto que as cagarras sobre o mar e a decifrar o infinitamente pequeno. Pretendo compreender, desvendar, acrescentar uma vírgula ao grande texto do conhecimento humano. As memórias que não tenho são, assim, as mais potentes: puro desejo de ser, vontade de fazer, capacidade de transformar. Memórias em potencial como as sementes que ainda não germinaram, mas já contêm a forma da árvore

futura. Talvez seja esse o maior presente que uma universidade oferece: não só o conhecimento do que foi, preservação do passado, mas a promessa incendiária do que ainda será. A certeza de que o conhecimento vive; não é monumento, mas organismo que respira, cresce, muda. O que é uma memória senão um sonho que já aconteceu? O que é um sonho senão uma memória do futuro? E o que sou eu aqui senão uma memória futura desta universidade? Sou parte do seu verbo: não do preservado em fotografias amareladas, mas do presente contínuo, do gerúndio eterno: aprendendo, descobrindo, crescendo, tornando-me. Os próximos anos serão meus e de todos os que me acompanharem na jornada e partilharem conhecimento como quem oferece luz. Porque é assim que se faz uma universidade: com memórias entrelaçadas pelas gerações, raízes que não vemos, mas sustentam tudo. É como se o próximo verso deste poema, iniciado há meio século, não quisesse findar.

Que bela responsabilidade esta: ser memória do que ainda está por acontecer. Ser promessa em cumprimento. Pertencer ao futuro que, um dia, será passado glorioso para aqueles que virão e olharão para trás como agora olho, com gratidão e espanto, para os 50 anos que me acolhem e me convidam a continuar a história. Aqui, onde o mar encontra a terra e faz ilhas, onde o fogo encontra a água e faz vida, onde o passado encontra o futuro e faz presente. Memórias que ainda são sonhos, sonhos que já são memórias. E serei, feliz e inteira, parte dos próximos 50 anos desta universidade que me ensina que pertencer é também um ato de criação.



Álbum de Memórias

Neste álbum de memórias recordamos espaços, atividades, comemorações, momentos, partes da vida de muitos que passaram pela Universidade dos Açores nos seus três polos de ação.

Na impossibilidade de mostrar todas as fotografias, encontradas nos arquivos da Universidade dos Açores, foi feita uma seleção que partilha o seu desenvolvimento através da construção das suas instalações, da reorganização dos seus espaços, da adaptação a novas realidades, das ocasiões de festas e inaugurações, enfim, uma existência repleta de recordações.

Muitas das pessoas que veremos, já não se encontram entre nós, mas deixaram o seu legado que ficou perpetuado nas nossas memórias e na memória da instituição.

Graças a esses pioneiros de tempo e lugar, a Universidade dos Açores ergueu-se e transformou-se no que conhecemos hoje. Cada um deles foi um bloco sólido e seguro na sua edificação.

Ao folharem as próximas páginas, muitas recordações voltarão à memória, muitas emoções envolverão o pensamento, desencadeando sentimentos de gratidão e orgulho por terem feito parte deste projeto, sem fim e em constante evolução, denominado “Universidade dos Açores”.



Emblema IUA



Emblema UAc atual



Obelisco no polo de Ponta Delgada



Reitoria década de 80



Terra Chã



1984 Horta



Departamento de Matemática e CE
Construção Departamento de História



Construção Departamento de História



1 Construção da Biblioteca



Vista Geral do Norte Poente



Entrada do anfiteatro C



Entrada anfiteatro VII - Antigo anfiteatro C



Biblioteca década de 70



Biblioteca década de 80/90



Inauguração Biblioteca Central a 18 de julho de 2003



2 Exterior dos Serviços de Ação Social Escolar





3 Refeitório e bares dos Serviços de Ação Social Escolar década de 90



Departamento de Biologia e Departamento de Geociências



Atual Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e Faculdade de Economia e Gestão



Fachada posterior dos departamentos de Biologia e de Geociências década de 70/90



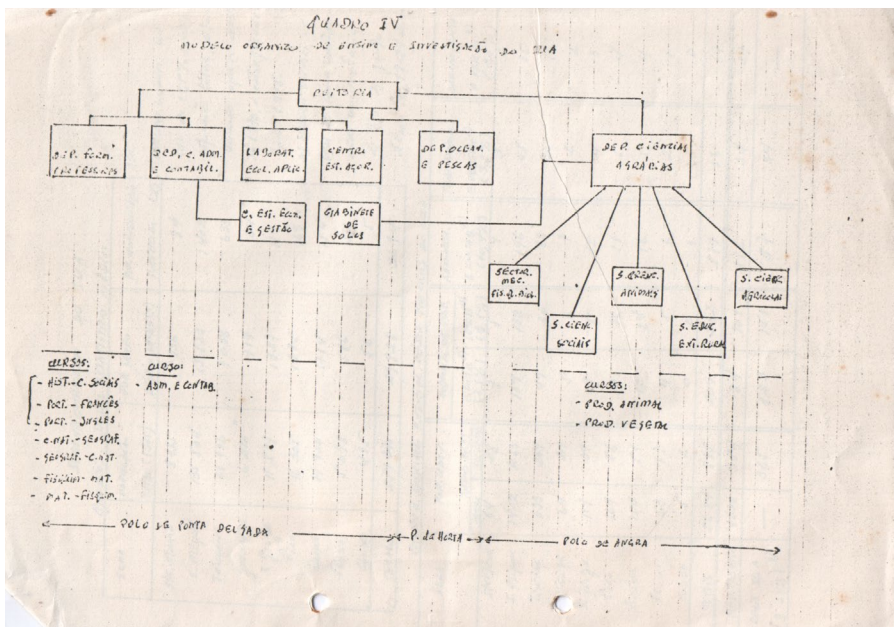
Escola Superior de Saúde



4 CIFOP - Centro Integrado e Formação de Professores



5 Terra chã



Esquemas dos antigos Departamentos



Guia de cursos 1976



Guia de cursos 1978



Incêndio ocorrido no edifício da Reitoria da UAc a 12 de junho de 1989



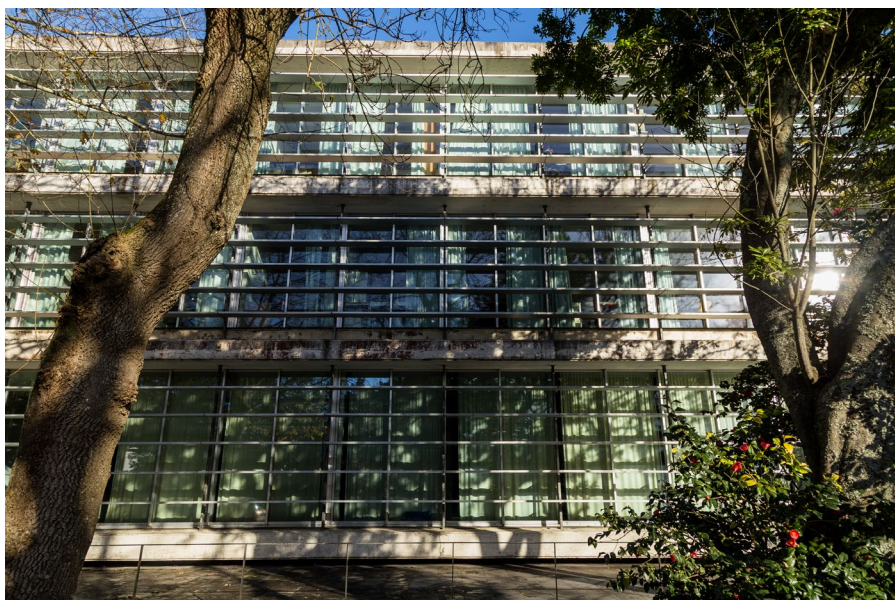
Maquete da UAc



Complexo Ciências Sociais e Humanas



Inauguração Complexo Científico a 9 de janeiro de 2001



Complexo Científico



Antigos departamentos de Economia e Gestão e de Matemática
Atual Serviço de Gestão Académica e Administração



Atuais serviços academicos, administrativos e pavilhão desportivo



Inauguração do pavilhão desportivo 1998



Polo Angra do Heroísmo



Polo da Horta



Aula Magna



Inauguração Aula Magna XXVII aniversário da UAc 2003



Inauguração Aula Magna XXVII 2003



Polo da Horta



Polo Angra do Heroísmo



Residência Universitária das Laranjeiras 2006



III Semana de Cultura Açoriana - outubro de 1989



Conferência de Imprensa 1990



Anfiteatro C -1991



Expedição ilha de Santa Maria 1991



Administração 1992



Administração 1992



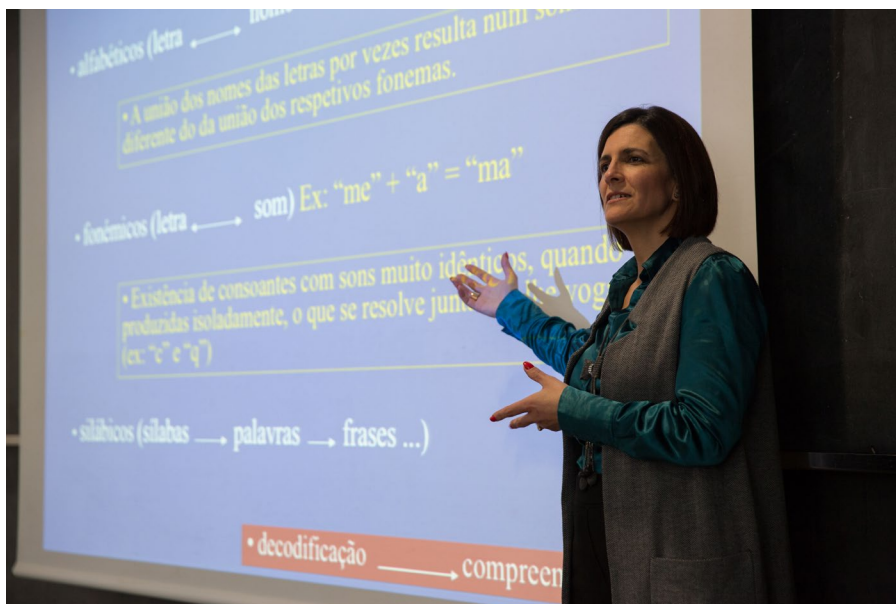
Desfile académico 1993



Queima das fitas 1999



Apresentação do Curso de Historia e Cultura de Portugal 2000



Aula



Formação Contínua 2009



Homenagem Professor Doutor Almida Pavão 1990



Lançamento da revista UAc Arquipélago XV Línguas e Literaturas 1997/1998



Edições Arquipélago



Departamento de Matemática 2010



Semana da juventude Horta



Empreendedorismo 2023 Angra do Heroísmo



Almoço de despedida do Engenheiro Duarte Furtado 2012



Convívio Angra do Heroísmo - 11 de dezembro de 2022



Convívio Horta - 15 de dezembro de 2022



XXV aniversário UAc 2001



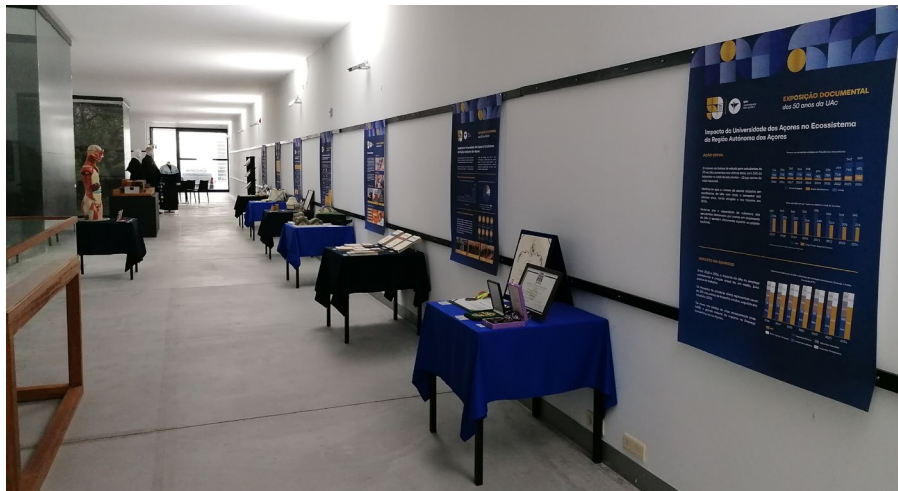
XL aniversário UAc 2016



Exposição 50 anos UAc 2025



Exposição 50 anos UAc 2025



Exposição 50 anos UAc 2025



Medalha comemorativa do 50º aniversário da Universidade dos Açores
